

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Alerta máximo



Título: Alerta máximo
Coleção: Seguros e Cidadania
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2019: APS2019

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores
Ilustrações: Júlio Ramos
Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: Gráfica Maiadouro
Tiragem: 2000 exemplares
ISBN: 978-989-54248-1-8
Depósito Legal n.º 461137

1.ª edição – outubro 2019

Alerta
máximo

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Alerta máximo

Capítulo 1



Gonçalo Gama

Gonçalo instalara-se no canto da biblioteca que preferia, mas ainda não tinha conseguido mergulhar no trabalho. Sentado à mesa, passeava os olhos pelo pátio da escola, àquela hora quase deserto.

Estava um dia lindo, luminoso e os campos verdes para lá da cerca da escola apresentavam-se muito convidativos.

«Apetecia-me ir dar uma volta», pensou, «o pior é o resto.»

Um pouco desanimado, olhou para o ecrã do computador e leu de novo a proposta que a professora de Geografia fizera à turma, desafio por sinal bem interessante sobre as alterações climáticas e o aquecimento global.

Na turma já se tinha discutido o assunto várias vezes, toda a gente andava preocupada e até já tinha havido sugestões sobre medidas a tomar para proteger o planeta, como por exemplo substituir os combustíveis fósseis por energias renováveis ou reduzir o número de automóveis em circulação. Mas ele queria fazer um trabalho em que apresentasse propostas que qualquer pessoa pudesse pôr em prática no seu dia a dia.

«Andar a pé sempre que possível, plantar árvores, gastar menos água...»

Ideias não lhe faltavam, mas era indispensável fazer pesquisa para saber com precisão o que diziam os cientistas. Depois tinha que conceber uma estrutura lógica, escrever o texto e recolher imagens para ilustrar o trabalho.

Em geral apreciava aquele tipo de desafios e às vezes com grande entusiasmo, porque o esforço compensava. A professora de Geografia, embora exigente e pouco expansiva, era justa, fazia elogios a quem os merecia e usava toda a escala de zero a vinte para dar notas.

«Tenho de arrancar», repetia de si para consigo, sem ser capaz de direccionar o cérebro para a tarefa que tinha em mãos, «que raio se passa comigo? Estou mole. Se calhar ontem exagerei no treino de basquete.»

De súbito, foi atraído pela figura de uma colega mais nova que conhecia de vista. Atravessava o pátio sozinha em direção à cantina e ele ficou a observá-la.

«Esta Marina é intrigante. Não sei se me perturba ou se me desperta curiosidade. Mas fico curioso. Porquê?»

Marina tinha parado a meio do pátio a falar com uma outra colega que vinha em sentido contrário. Gonçalo aproveitou para esmiuçar as suas impressões.

«Nem alta nem baixa, nem gorda nem magra, de feições... como classificar as feições? São corretas, apenas corretas. Olhos castanhos e cabelo castanho semelhante ao da maioria das miúdas da mesma idade, por que raio me chamou a atenção? Tenho de tirar isto a limpo. E é já. O trabalho que espere.»

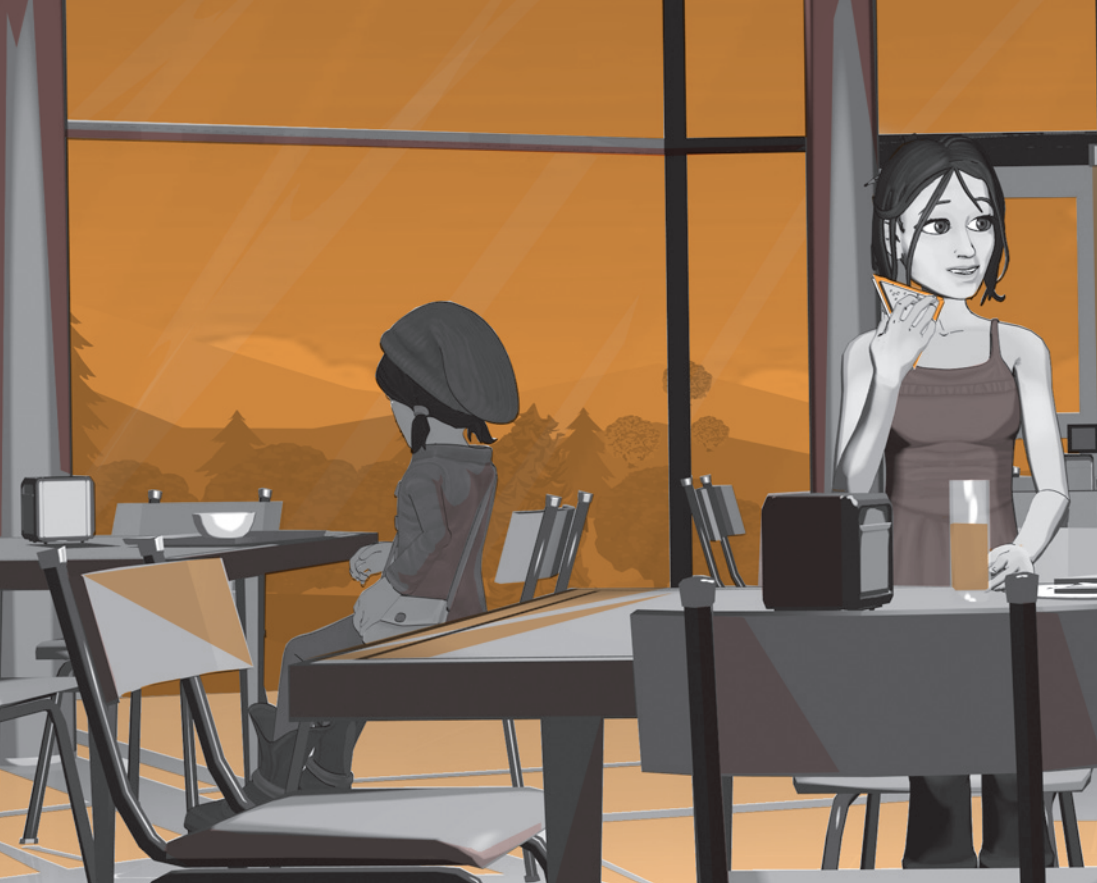
Saiu da biblioteca com passo acelerado. De passagem disse à funcionária de serviço:

— Não demoro. Deixo ali as minhas coisas e já volto.

Desceu as escadas quase a correr, dirigiu-se à cantina, e encontrou a colega que o atraía sentada a comer uma sanduíche de queijo.

«Qual será a melhor tática de aproximação?»

Hesitou apenas um instante, serviu-se de um copo de água e sentou-se na mesma mesa com o à-vontade de quem em geral é bem recebido.



— Olá, Marina!

Ela sorriu-lhe e não respondeu logo porque estava a mastigar.

— Tão sozinha, faça-te companhia.

Sorriu de novo, engoliu o último pedaço e falou também com grande à-vontade.

— Não te preocupes comigo, a solidão não me incomoda e às vezes até dá jeito.

— Porquê?



- Porque o silêncio me ajuda a pensar.
- Em quê?
- Conforme.

Falava com naturalidade, o tom de voz, quente e suave, agradava, a postura e a segurança também.

«Vai valer a pena conhecê-la melhor», concluiu, mas obviamente não disse.

Para fazer conversa, perguntou-lhe:

- Andas no 10.º ou no 11.º?

- No 10.º. E se te interessa na turma B. E tu?
- Sou do 12.º C.
- Ah.

O que começara tão bem e parecia tão simples, tão fácil, de repente sem nenhum deles perceber ao certo porquê, complicara-se.

- Bom, tenho de ir andando para o ginásio.
- E eu para a biblioteca.

Levantaram-se e tomaram rumos diferentes, ambos com a sensação de que aquele momento teria sequência. De que tipo? Logo se via.

Goñalo ainda se virou para trás na esperança de que ela também o fizesse, mas não fez.

«Esta pelos vistos é do género resistente. E tem piada.»

O que lhe apetecia era arranjar um pretexto para ir dar uma espreitadela ao ginásio, o que, na verdade, seria ridículo.

- Vou mesmo é para a biblioteca fazer o trabalho e só saio de lá quando estiver pronto.

Voltou a subir as escadas em passo acelerado e foi sentar-se diante do computador, disposto a encontrar rapidamente as informações de que precisava.

Como sempre, o *Google* ajudou.

A lista dos *sites* e artigos permitiram-lhe selecionar rapidamente vários textos sobre o tema a tratar: leu, refletiu. A pouco e pouco surgiram-lhe na mente hipóteses de estrutura, mas como na fase inicial lhe dava jeito fixar as ideias no papel, foi tomando notas.

Dona Eduarda, a eterna funcionária da biblioteca, que o conhecia bem, olhou-o com simpatia.

«Pronto! Nesta fase já nem sabe onde está e nem que caíam raios e coriscos se distraí. É um aluno excelente, que sorte que teve o casal Gama. Só um filho e sai de cinco estrelas!»

Não passava pela cabeça de dona Eduarda que pai e filho não se entendessem especialmente bem e ainda por cima à conta dos estudos. Porque o rapaz, que tinha notas altíssimas, poderia candidatar-se ao curso superior que quisesse sem correr o risco de não ser admitido. Em casa, porém, não era devidamente apreciado. O pai, embora se orgulhasse da inteligência e dos bons resultados do filho, considerava uma perda de tempo que ele se fosse enfiar vários anos numa universidade para estudar questões ambientais. E dizia-lhe:

— Essas tretas só atrapalham os negócios. Se queres estudar, escolhe um curso de jeito. Ou então acaba o 12.º ano e vem trabalhar comigo na serração que bem preciso de quem me ajude.

A mãe só interferia quando a discussão ameaçava aze-
dar e mesmo assim limitava-se a pedir:

— Deixa lá o rapaz!

Tanto ela como o marido se tinham ficado pelo 9.º ano e a verdade é que viviam bem com os bons resultados da serração, que fora montada de raiz e não parava de crescer. E crescera tanto, que ela pudera abandonar o emprego para se dedicar em exclusivo à casa e à família. O marido nunca lhe faltara com nada, o filho nunca lhe dera problemas, podia considerar-se uma mulher feliz. Pena não ter tido mais filhos, sobretudo uma filha que lhe fizesse companhia. Em segredo desejava que Gonçalo seguisse os conselhos do pai e se dedicasse à serração.

«Se for assim, quando casar fica a viver aqui perto e eu posso cuidar dos netos. Com sorte tenho uma neta, seria a maior alegria da minha vida!»

Maria Laura não se atrevia a formular esses desejos em voz alta, nem esses nem outros, porque vivia dominada pelos dois homens da casa, que dela só esperavam bons cozinhados e roupa bem passada a ferro.

«Uma neta. Uma netinha é que era, para termos con-
versas de mulheres e irmos às compras juntas, se a minha

nora deixar. Oxalá o Gonçalo escolha bem. O ideal era uma rapariga da terra, que gostasse de ficar por cá.»

Sempre que se entretinha com esse tipo de projetos, estampava-se-lhe na cara um sorriso de orgulho e de satisfação por estar convencida de que o filho podia escolher quem quisesse. Bonito, inteligente, alegre e despachado, nenhuma rapariga o recusaria. A prova estava no número de namoradas que tinha tido. A última, que levava lá a casa, não parecia muito apaixonada e, como ele também não, o romance fora breve e ainda bem. Não podia negar que a rapariga era simpática e até educada, mas tinha a mania das artes, falava muito de estágios no estrangeiro, de viagens. Maria Laura classificara-a de «espírito inquieto» e como desejava uma nora pacata ficara aliviada quando a rapariga deixou de aparecer lá em casa.

«Tanto quanto me lembro chamava-se Verónica. Ou seria Vanda?»

Capítulo 2



Vanda Vicente

— Vanda!

O ruído da água jorrando com força através da maçaneta comprada na véspera para o duche justificava a ausência de resposta.

— Vanda!

— Estou a tomar banho.

No inverno ou no verão, quer estivesse um frio de rachar ou um calor de morrer, Vanda tomava banho quente, e quanto mais quente melhor. Adorava sentir os jatos escaldantes sobre a pele, achava uma graça infinita ao corpo escarlate refletido no espelho. Em pequena costumava dizer à mãe «sou uma pele vermelha», agora dizia a si própria «sou uma pele vermelha»

elegantíssima». E era. Alta, magra de linhas perfeitas, não teria dificuldade nenhuma em ser contratada para modelo fotográfico se o desejasse, mas não eram esses os seus planos.

— Vanda!

— Já vou, mãe!

Minutos depois aparecia na sala enrolada num toalhão amarelo, com os pés ainda molhados e o cabelo a pingar.

— Então vens assim?

— Venho. Qual é o mal? Estamos sozinhas, não estamos?

— Estamos. Só que vais molhar o tapete.

— Com esta caloraça não tarda a secar.

A mãe encolheu os ombros e mudou de assunto

— Preciso de um favor.

— Diz.

— Passa pelo multibanco e paga o seguro.

— Qual seguro?

— Da casa.

— E pago com o meu cartão?

— Sim. Amanhã faço-te uma transferência.

— Por que não esperamos que o pai chegue de Inglaterra?

Ele é que costuma tratar disso.

— Não esperamos, porque hoje é o último dia. Se não pagarmos ficamos sem seguro. Tratas disso?

— Trato.

Vanda recuara até à casa de banho para arrancar uma toalha do toalheiro e agora falava com as duas mãos ocupadas, uma a segurar o toalhão, outra a esfregar a cabeça com violência desmesurada.

- Se eu fizesse o que tu estás a fazer ficava com enxaqueca para todo o dia.
- Não sofro de enxaquecas e tenho de me despachar que estou atrasada.
- Então despacha-te, mas não te esqueças de pagar o seguro.
- Eu pagar, pago. Mas não vais à vila às compras?
- Hoje não. Estou à espera dos homens que vêm cortar as últimas árvores e arbustos que põem a casa em perigo se houver incêndios.
- Ó mãe! Estamos em outubro!
- Pois estamos. Mas o calor não abranda, há séculos que não chove, temos de tomar precauções.
- Já não te posso ouvir falar nisso. Antes das férias andámos todos os fins de semana a limpar o terreno à volta da casa. Nas férias as conversas iam sempre parar aos perigos de incêndio. Agora voltamos ao mesmo?

— Voltamos, sim. E trata de vir logo que acabem as aulas para me ajudares a recolher os galhos e os ramos que os homens não levarem. Conto contigo, hã?

— Está bem, pronto — respondeu com um encolher de ombros. Depois enfiou-se no quarto, vestiu-se num ápice, passou o pente pelos cabelos loiros, que bem sacudidos ainda soltavam gotículas minúsculas.

Antes de sair contemplou de novo a própria imagem, já equipada e pronta para ir para a escola, e de novo se sentiu feliz com a imagem que o espelho lhe devolvia.

«Ser feia deve ser chato», pensou. «Tive sorte em sair parecida com o meu pai.»

Os olhos verde água com pestanas loiras sorriam-lhe no espelho. Pegou na mochila, pendurou-a só num ombro e permaneceu estática uns segundos a admirar-se de frente, depois de perfil.

«Se eu quiser, ele volta para mim», concluiu, «tenho a certeza de que volta.»

A mãe esperava-a na sala, entregou-lhe o papel do seguro e pediu:

— Se puderes, faz o pagamento antes de as aulas começarem.

— Porquê?



- Porque tenho medo de que te esqueças.
- Não esqueço. Até logo.

Deram um beijo. Vanda escarranchou-se na motoreta elétrica, pôs o capacete e acelerou sem receio de ser travada pela polícia porque na estrada secundária que ligava a quintinha dos pais à vila nunca aparecia polícia nenhum. A deslocação do ar libertava um vento fresco que lhe trazia o cheiro intenso e agradável dos campos ao amanhecer. E se gostava do amanhecer!

«Vai ser um dia esplêndido.»

A viagem não era longa, mas demorava o suficiente para que lhe passassem pela cabeça os mais variados assuntos. Naquela manhã, porém, houve um que se sobrepôs a todos os outros: Gonçalo Gama.

E via-o, via-o e revia-o, no pavilhão desportivo a jogar básquete, na piscina a mergulhar de cabeça, na discoteca a dançar, encostado ao bar à conversa.

«Fui estúpida em deixar morrer a nossa relação. Muito estúpida. Mas a brasileira que não pense...»

A brasileira era uma atriz, que tinha aparecido lá na escola na semana cultural para falar de teatro e depois fora convidada a colaborar com o grupo de teatro até ao Natal. Parecia pouco mais velha do que os alunos do 12.º ano e

relacionava-se com todos de maneira informal, sobretudo nas horas vagas. Não era preciso ser um gênio para perceber que fisgara o Gonçalo e ele, que nem pertencia ao grupo de teatro, dava-lhe imenso troco.

«Ele também dá troco a todas.»

O edifício da escola, impecavelmente restaurado e ainda sem mazelas, branqueava adiante, no meio da chusma de alunos e professores que se encaminhavam para o interior. À distância julgou ver o Gonçalo e, ao lado dele, a Lira. Ficou irritada. «Se a sessão era ao meio-dia, o que é que a brasileira viera fazer para a escola tão cedo?»

«Anda atrás dele, claro.»

Uma farpa de agressividade furou-lhe o peito, subiu à garganta e fê-la tossir. Tossia quando estacionou a moto e teve a grata surpresa de ver que afinal o Gonçalo vinha sozinho e ainda não transpusera o portão. Decidiu esperar por ele e decidiu também pôr em prática um projeto que lhe viera à ideia há algum tempo e que consistia em averiguar se Lira era mesmo atriz ou se não passava de uma aldrabona oportunista, interessada em ganhar umas massas, de preferência num espaço bem fornecido de rapaziada.

Capítulo 3



Lira Lima

Lira passara a noite a matutar no trabalho que vinha desenvolvendo com os alunos do grupo de teatro. Todos ou quase todos se mostravam entusiasmados e ela não se cansava de os gabar e de lhes garantir que tinham feito progressos. No seu íntimo, porém, duvidava.

«Será que fizeram mesmo?»

A incerteza devia-se à completa falta de experiência naquele tipo de tarefa.

Incapaz de dormir, dera voltas e mais voltas pelo quarto e pela sala da casinha simpática que a câmara municipal lhe cedera por três meses e acabou na cozinha a comer os crepes do costume, bem regados com mel.

«O mel acalma. O mel substitui com vantagem qualquer sedativo», repetiu várias vezes sorrindo, porque aquela era apenas uma de entre as muitas tretas que impingira aos alunos «e porque não hei de inventar? Os artistas são criativos. Sou artista, sou criativa, não é? O problema é que hoje não me ocorre nada! Vou ver na internet se encontro alguma sugestão que me sirva.»

Diante do computador, procurou vídeos sobre *workshops* de teatro e de dramatização. Havia tantos, que esteve horas a assistir aos mais variados tipos de cena, e a ouvir sugestões de especialistas e de amadores. Sempre que algum vídeo lhe agradava, copiava o endereço e guardava-o numa pasta para consulta futura. Apesar da diversidade e até da qualidade de alguns vídeos, tardou a decidir. De súbito, porém, ocorreu-lhe a solução.

«É isso mesmo que vou fazer. Os alunos vão adorar e vai correr bem!»

Saltara da cama para registar tudo o que lhe vinha à mente para a sessão do dia seguinte, quando voltou a deitar-se era tardíssimo.

«Pouco importa, sem stress, não preciso de dormir muito para acordar cheia de energia.»

De facto transbordava energia quando entrou na escola três horas antes da sessão de *workshop*.

Dirigiu-se à sala onde recebia os alunos, arrastou mesas e cadeiras de um lado para o outro e ficou satisfeita com o resultado.

«Assim, o cenário combina com aquilo que imaginei.»

Deu ainda um jeito aqui e ali, depois escreveu no quadro em letras garrafais: «O CORAÇÃO É UM SOLITÁRIO CAÇADOR», e respirou fundo.

— Pronto, já está, vou tomar um café.

Deu uns passos na direção do bar, mas arrepiou caminho e saiu, direita à pastelaria da esquina, que àquela hora nunca tinha muita gente. Também ela inspirou com agrado o cheiro da esteva e do alecrim, o sol na cara soube-lhe bem, mas queimava, pôs os óculos escuros. A montra da pastelaria, com bolos de fazer entortar os olhos, era uma tentação. E a montra da loja ao lado também, embora só exibisse roupa de criança, porque lhe permitia avaliar a própria silhueta e a elasticidade da marcha.

«Continuo em forma. Ótimo.»

As empregadas que se encontravam atrás do balcão saudaram-na, ela correspondeu, tomou lugar na mesa do

fundo e ali se deixou ficar, embalada pela onda de pensamentos positivos que a visitavam desde que obtivera aquele emprego. Não era, no entanto, por causa do trabalho que se sentia tão bem, era por causa daquela terra onde, após uma série de vivências que a tinham abalado e confundido, se sentia capaz de estabilizar. Quando as pessoas lhe perguntavam se estranhara a quietude da vila, apressava-se a dizer que se ambientara sem dificuldade porque nascera numa aldeia ainda mais pacata. O que era verdade, mas não a verdade toda. Nascera realmente em Piranga, uma aldeia do Estado de Minas Gerais, mas no despontar da adolescência revoltara-se contra a pasma e contra a ausência de oportunidades. Crescera a fazer planos e mais planos para procurar vida em São Paulo ou no Rio de Janeiro. E implorara aos céus uma mudança radical que a levasse para a cidade, para uma cidade grande, com movimento, animação, eventos e imprevistos que lhe abrissem caminhos. Na cidade tentaria tudo para ser atriz e havia de conseguir. Talento não lhe faltava, diziam os professores, beleza também não, diziam os colegas e sobretudo o espelho. A cabeleira preta, lisa e brilhante, de índia, era uma mais-valia, os olhos naquele tom invulgar, quase transparente, também. Do corpo não se podia queixar.



A mãe compreendia-a mas nunca a encorajara a ir para a cidade por pensar que seria melhor pôr as ideias de lado e evitar desilusões. Não a convencera. Um dia, quando menos esperavam, souberam que uma nova estação de televisão estava à procura de talentos e ia organizar um *casting* para escolher três estreadantes. Que rebuliço lá em casa. Ela entrara em delírio, a mãe ficara transtornada sem saber o que fazer, pois a dita estação tinha sede no Rio de Janeiro e era lá que as candidatas se deveriam apresentar. O assunto foi discutido e não houve sossego até a família se mobilizar e reunir verbas para o transporte e estada no Rio. Finalmente partira, num estado de espírito que oscilava entre a euforia e o pânico.

Agora só recordava com saudade o dia em que fora selecionada para um pequeno papel. Em todo o caso, um papel. Tinha chorado de alegria e acreditara que acabava de dar o primeiro passo para se tornar famosa, famosa e rica, como todas as estrelas de televisão. Daria o seu melhor, não se pouparia a esforços, não podia falhar. E tudo então lhe parecera fácil. Como se enganava!

O ambiente no estúdio, embora animado, resvalava com frequência para uma hostilidade súbita, inexplicável, incomodativa. Entre os atores e atrizes havia grandes rivalidades, que degeneravam em conflitos e patifarias. E como

era necessário repetir muitas vezes cada cena, as filmagens tornavam-se cansativas, enervantes, esgotantes. Desanimada, sem no entanto estar disposta a desistir da carreira, aventara a hipótese de tentar a sorte no palco. Seria viável? Seria boa ideia?

Gostaria de pedir conselhos, informações. Precisava de quem a orientasse mas não conhecia ninguém que lhe merecesse confiança. Que tristeza! No entanto, talvez ainda pior do que ver desmoronarem-se as suas mais risonhas expectativas, era o sobressalto permanente em que vivia no Rio de Janeiro.

Pouco depois de se instalar fora vítima de assalto bastante agressivo na rua, ao meio-dia. Dias depois escapara por milagre a um tiroteio que explodira perto da esplanada onde acabara de almoçar. A cidade, linda de morrer, não se assemelhava afinal ao paraíso, assemelhava-se ao inferno. Agora compreendia que nunca houvera exagero nas notícias sobre violência nas grandes cidades. A maioria dos eventos e imprevistos que tanto desejara e se sucediam a um ritmo alucinante eram assustadores. Se havia quem se habituasse, ela não conseguia e caíra numa espécie de vazio ou poço de angústias acabrunhantes. Se ao menos tivesse amigos, amigos verdadeiros com quem desabafar talvez

melhorasse. Mas fazer amigos numa cidade que fervilhava de gente apressada não era fácil. A maior parte do tempo sentia-se invisível e já tivera a desagradável sensação de estar num país estrangeiro porque os cariocas, orgulhosos do seu sotaque, troçavam com frequência dos que obviamente não pertenciam ao grupo dos eleitos.

Nas horas mortas e ao fim de semana dera consigo a desejar paz, serenidade e segurança, e a recordar o que lhe dizia a avó: «menina, a segurança é um bem que não tem preço. Menina, o seguro morreu de velho». Dantes, aquelas palavras soavam-lhe a disparate e tinham conotações negativas. Segurança, seguro sugeriam inibição, cautela em excesso, falta de genica, enfim, tretas de velho. Mas num quarto alugado onde até com a porta fechada à chave se sentia insegura e a circular pelas ruas com a alma num susto passara a encarar as coisas de outra maneira e impacientava-se. Queria voltar para casa, precisava de voltar para casa. Terminadas as gravações, não pensara duas vezes e regressara à sua aldeia, cheia de dúvidas e de incertezas porque lhe tinham prometido novo contrato. Se voltassem a chamá-la encher-se-ia de coragem e aceitava? Ou desistia de vez? Não foi preciso tomar a grande decisão porque não a chamaram. E lá estava outra vez a avó «menina, de

promessas está o mundo cheio». Quem estabeleceu contacto com ela foi a irmã mais velha, Suelly, casada com um português que tinha um restaurante no Porto. Soubera pela mãe da experiência mal sucedida no Rio, e desafiara-a a juntar-se-lhes.

— Vem, não sejas parva, temos uma casa boa, ficas conosco. Enquanto não arranjares emprego, ou até arranjares emprego ajudas-me, o restaurante dá bom lucro e a cidade do Porto é muito bonita e muito agradável.

— E segura? É segura?

— É. Podes andar sozinha e à vontade a qualquer hora.

Não mentira, Suelly. No Porto as palavras seguro e segurança tinham adquirido conotações bem mais positivas: serenidade, conforto, descanso. Mas como odiava cozinhar e não tinha grande paciência para servir à mesa, o bem-estar incluía facetas negativas, com cheiro a refogado, pitadas de impaciência, mãos mergulhadas em água gordurosa.

Desesperava, quando literalmente «caiu pela chaminé» o doutor Simões, cliente e amigo do cunhado, muito simpático e comunicativo. Palavra puxa palavra, ficara a saber que Lira gostaria de retomar em Portugal a carreira de atriz iniciada no Brasil. E reagira de forma muito viva porque tinha uma irmã, mais ou menos da idade dela, que estudara no



Conservatório do Porto e pertencia a uma associação cultural onde trabalhava como atriz e não só.

- A Andreia também dinamiza *workshops* de teatro nas escolas do concelho com o apoio da câmara municipal. Agora vai ter de parar porque está grávida de gémeos e o médico achou mais prudente que ficasse em casa.

Na cabeça de Lira a informação fez nascer aquilo a que se costuma chamar uma ideia luminosa e atreveu-se a perguntar:

- Doutor Simões, a sua irmã já tem quem a substitua?
- Não sei. Mas como já percebi onde queres chegar, vou saber.

Sacou do telemóvel, tentou a ligação, não conseguiu, mas prometeu averiguar e contactá-la logo que tivesse uma resposta. Alguns dias depois aparecera no restaurante de sorriso aberto, a anunciar boas notícias.

- Ainda não encontraram ninguém para substituir a Andreia, a associação precisa urgentemente de uma atriz jovem como tu para tomar o lugar dela, para fazer uma palestra sobre teatro no auditório municipal. E o mais urgente ainda é assumir a orientação dos *workshops* de teatro para alunos de várias escolas e para preparar as festas de Natal. Queres o lugar?

Ela engolira em seco, sem coragem para confessar que a única experiência que tinha em escolas era como aluna. Mas para os professores também há sempre uma primeira vez. Decidira aceitar. O doutor Simões ficou contente, deu-lhe uma palmadinha nas costas e disse que a câmara onde era vereador apoiava aquele projeto. Se ela estivesse disponível, viria buscá-la na semana seguinte.

E ali estava ela feliz e contente. Gostava do sítio, do ambiente, das pessoas. Nunca se sentira tão amada e admirada, o que era bom. Relacionava-se com os alunos do secundário como se fossem da mesma idade e alguns não andavam longe. E divertia-se, oh se se divertia, a fazer de conta que o seu percurso incluía teatro, *tournées* por várias zonas do Brasil, desempenho em novelas e séries de televisão. As mentiras não lhe provocavam remorsos de espécie nenhuma porque não só não prejudicavam ninguém como encantavam alunos e colegas, vizinhos e amigos. Mentir tornara-se um exercício mental, um estímulo para a imaginação. Mentir fazia parte do seu novo papel como atriz. E que papelão!

Ocasionalmente interrogava-se. Teria exagerado? Depressa afastava as dúvidas porque toda a gente esperava dela, a brasileira, um toque de exotismo. Se contasse a verdade

nua e crua, desiludia, por isso mesmo nunca confessara que se gostava de estar ali não era por ter nascido numa pequena aldeia, era por ter experimentado a solidão e o medo numa grande cidade.

O toque do telemóvel interrompeu os devaneios.

Estava quase na hora da sessão, tinha de ir para a escola. Levantou-se, pagou, enquanto esperava o troco deu uma olhadela à televisão e ficou uns instantes a ver o programa. A jornalista era outra, mas falava do mesmo, perigo de incêndios em várias zonas do país. Mostrava o mapa com os alertas amarelo, laranja, vermelho e ia alternando informações com excertos de entrevistas a responsáveis pelos serviços meteorológicos, a bombeiros e a responsáveis pela proteção civil do território. Ou então com imagens terríveis das terras queimadas nos anos anteriores.

Quando saiu da pastelaria lançou um olhar inquieto às manchas de verdura que se estendiam em redor.

«Se isto pega fogo, vai ser um Deus nos acuda.»

Capítulo 4



Marina Moura

Vanda chegou tarde ao *workshop* e deparou com uma cena surpreendente. Estores corridos, colegas espalhados pela sala a certa distância uns dos outros, mesa a meio da sala, Lira e Gonçalo sentados frente a frente, ela a lamentar-se e a choramingar, ele a escutá-la numa atitude de indiferença que contrastava com o interesse geral, pois os colegas, atentos ao monólogo, pareciam hipnotizados. Discretamente sentou-se e ficou à espera que terminassem. Não teve de esperar muito. Os queixumes sentidos e amargos duraram apenas uns minutos, Lira calou-se e foi imediatamente saudada com uma salva de palmas, que recebeu já de pé, muito satisfeita. O choro dera lugar ao riso, ergueu-se e pediu:

— Abram as janelas por favor. Estores e vidros, que isto está a ficar muito quente.

Gonçalo permaneceu sentado, com aquele tipo de sorriso que se estampa na face de quem se encontra por acaso junto de um grupo de sucesso a que não pertence.

O ruído das conversas cruzadas, do arrastar de cadeiras, dos estores puxados com excesso de energia funcionaram como música de fundo para o encontro a três ao pé da mesa. Vanda, picada de ciúmes, chegou-se à Lira e ao Gonçalo, justificou o atraso e perguntou qual fora o tema da sessão. Ambos lhe apontaram a frase escrita no quadro.

— O coração é um solitário caçador?

— Exato.

Ao ciúme misturara-se uma certa raiva de limites indefinidos. Para disfarçar, ergueu as sobrancelhas como quem precisa de ser esclarecida. Lira apressou-se a explicar tudo, embrulhando verdades com mentiras como se tinha habituado a fazer para deslumbrar.

— Esta frase é o título de um livro da escritora americana Carson MacCuller. Conheces?

— Não.

— É uma grande escritora. Para este livro imaginou uma situação original, muito interessante. A personagem

principal é um homem mudo que vai viver para uma terra onde ninguém o conhece. As pessoas de início olham-no com desconfiança mas depois elegem-no para confidente precisamente porque não fala. Um mudo não pode traí-las e revelar os seus segredos. E, sobretudo, um mudo não pode dizer-lhes o que não querem ouvir. Então procuram-no, falam, falam sem descanso das suas mágoas, dos seus problemas, dos seus projetos. Como ele se limita a deixá-las falar interpretam-lhe a expressão, inventam as respostas e os conselhos que ele lhes daria. O leitor não sabe se acertaram ou não, fica curioso e a escritora só revela os pensamentos do mudo muito depois ...

Mais interessada no Gonçalo do que no enredo, Vanda interrompeu-a:

- O Gonçalo estava a fazer de mudo?
- Sim. Pedi-lhe para colaborar e ele, que é um amor, aceitou. Deu muito jeito, sabes? Porque assim todos os que se inscreveram no *workshop* puderam representar um papel.
- De queixosos?
- Ou não. O que propus aos teus colegas foi que se sentassem sozinhos e em silêncio e pensassem numa história complicada ou apenas intensa para lhe contarem em

poucos minutos, com a expressão facial e corporal adequada. Este exercício faz parte do programa da Escola de Teatro de Minas Gerais que frequentei. É desafiante e, em geral, corre bem.

— Correu bem?

— Lindamente. Todos se excederam. Tinha pensado em ti para rematares a sessão. Como não estavas rematei eu.

Vanda preparava-se para fazer uma observação irónica, mas não teve oportunidade, porque Lira despediu-se e foi-se embora para outra escola onde a esperavam. Resolveu então tentar a sorte e convidar Gonçalo a acompanhá-la até casa para lhe dar uma ajuda na recolha de galhos secos. Ele pestanejou, indeciso.

— Não queres?

— Até quero. Sabes que eu gosto de ajudar.

— Nesse caso, anda daí. Levo-te na moto.

Vendo que continuava hesitante perguntou:

— Tinhas algum programa?

— Programa propriamente, não. Tinha combinado com a Marina ir à gelataria provar novos sabores.

— Quem é essa Marina?

— É aquela colega que entrou este ano para o 10.º. Olha, está ali à minha espera.

Vanda passeou a vista em redor e deteve-se na figura insignificante que se perfilava junto ao portão.

Num relance avaliador em que se tornara perita desde o início da adolescência, classificou-a imediatamente como neutra. Para resolver o impasse, propôs que fossem os três comer gelados.

- E depois, se a miúda quiser, pode vir connosco juntar galhos secos. Mais dois braços dão sempre jeito.
- Boa ideia.

Vanda ficou contente, mas depressa se arrependeu porque Marina, que parecia apagada e desinteressante à primeira vista, irradiava força, uma força inexplicável a que Gonçalo obviamente se mostrava sensível. À mesa da gelataria o estúpido não a desfitava e bebia-lhe as palavras.

Marina aceitara de bom grado participar na limpeza do terreno e ia alternando as colheradas de gelado de menta com observações de quem está informado sobre questões climáticas e ambientais. Sabia ser oportuna, não se tornava repetitiva nem impedia os outros de falar.

- O aquecimento global está a tornar-se o maior perigo para o planeta. Se os governos não tomarem medidas drásticas para reduzir as emissões de CO₂ dentro de algumas décadas a Terra acabará por ser inabitável.

- Não estás a exagerar?
- Não. Ainda ontem li uma notícia aterradora sobre o degelo dos glaciares. Vocês sabem que as cidades do litoral correm o risco de ficar submersas com a subida do nível do mar?

Pouco informada, Vanda tentou imprimir à conversa um tom ligeiro.

- Para nós não há problema. Vivemos no interior.

Gonçalo mostrou-se desagradado com a observação e, pior ainda, Marina tomou-a à letra.

- Aqui as consequências do aquecimento global serão outras.
- Quais?
- Incêndios cada vez piores e cada vez mais frequentes.
- A minha mãe também anda obcecada com a história dos incêndios.
- E tem toda a razão, Vanda. Hoje de manhã as notícias da rádio eram assustadoras.
- Os jornalistas exageram sempre.
- Quem falou na rádio foi um especialista de clima, um meteorologista do IPMA.
- Que raio é isso?

Gonçalo esclareceu-a:

- IPMA são as iniciais de Instituto Português do Mar e da Atmosfera.

Marina completou a informação com naturalidade:

- Nesse instituto fazem investigação científica e divulgam tudo o que tenha a ver com o estado do tempo, o estado do mar ...
- E até com sismos — disse o Gonçalo.

Se Vanda quisesse ser sincera tinha de reconhecer que tanto um como o outro falavam sem pedantismo e à maneira de quem quer apenas dar uma informação. Mas não reconheceu e ficou irritada porque os sentiu próximos e cúmplices, como se fossem membros de um clube que não a incluía. O sorriso sereno e simpático de Marina pareceu-lhe odioso. O facto de não se explicar de forma demasiado assertiva e de ser sóbria complicou-lhe com os nervos. E ver Gonçalo embevecido deixou-a transtornada. Não teve no entanto outro remédio se não disfarçar. Para desfazer a corrente que os envolvia levantou-se e quase ordenou:

- Vamos embora, que se faz tarde.

A mãe de Vanda esperava-a com impaciência. Quando se apercebeu de que trazia dois colegas dispostos a ajudar, exultou, deu um beijo a cada um, quis saber o nome deles e apresentou-se:

— Eloísa. Sou a Eloísa. E vocês são uns queridos, muito queridos. Os homens que vieram cortar as árvores levaram só os troncos mais grossos e deixaram ramos e folhagem espalhados por toda a parte.

Encaminhou-os para trás da casa, onde depararam com um verdadeiro caos. Marina mostrou-se inquieta e comentou:

— Isto é um perigo. À mínima fagulha pega fogo e arde tudo num instante.

— Pois é — disse logo Eloísa e de tal forma que Vanda teve a sensação de a ver entrar no círculo de cumplicidades que não a acolhia.

— Se empilhássemos tudo e fizéssemos uma queimada?
— propôs o Gonçalo.

A dona da casa e a Marina acenaram negativamente.

— Não convém. Com esta temperatura os bombeiros não nos iam dar autorização e de qualquer forma seria arriscadíssimo.

— Então o que fazemos, mãe? Recolhemos isto tudo e onde é que pomos?

— Do lado de fora do portão. Contratei outra camioneta para vir buscar este autêntico monte de combustíveis.

— Quando?



— Hoje mesmo, por volta da hora de jantar. Oxalá não falhem. Agora venham daí.

Eloísa, que era uma mulher dinâmica, começou por levá-los a casa para vestirem camisolas com mangas e calçarem luvas de jardinagem. Depois foi com eles lá para fora, igualmente bem equipada e com tesouras de poda para o caso de ser necessário cortar algum ramo. Propôs que trabalhassem em pares e, para fúria da filha, entendeu que deviam ficar as duas juntas. Como seria ridículo protestar, Vanda não protestou, mas para impedir que os outros dois se aproximassem ainda mais, sugeriu ao Gonçalo que apoiasse a mãe. E assim foi.

Durante o resto da tarde trabalharam sem descanso a puxar e repuxar ramos e mais ramos que se entrelaçavam no chão e resistiam como se tivessem vontade própria e não quisesses sair dali.

O Sol foi declinando no horizonte, escurecia quando transportaram o último molho de galhos para fora do portão.

— Que estafa!

— Uf!

Apesar das camisolas com mangas e das luvas de proteção, todos tinham ficado marcados por arranhões que ardiavam nos pulsos, nos braços e no pescoço. E estavam

cobertos de suor, com a cara suja e o cabelo empastado. Gonçalo encostara-se ao muro e, apoiado no cotovelo, respirava para recuperar o fôlego. Diante dele tinha duas raparigas e uma mulher, todas em estado lastimoso mas, ainda assim, bem bonitas.

«É bom estar vivo», pensou, reunindo no mesmo saco de impressões o prazer que sempre sentia após um esforço físico intenso, o bem-estar que o invadia diante de mulheres bonitas, a satisfação por ter colaborado e concluído uma tarefa útil e benéfica.

- Querem tomar duche antes de ir para casa?
- Obrigada, mas como não temos roupa para mudar, não vale a pena.
- Se quiserem, eu empresto.
- A mim, a tua roupa não ia ficar lá muito bem — disse o Gonçalo com um sorriso insinuante que Vanda adorou.
- E eu não posso demorar, o meu pai está à minha espera e gosta de jantar a horas.

Vanda adoraria ter um pretexto para os acompanhar pelo menos parte do caminho, mas não tinha e tornar-se-ia ridícula se insistisse em ir com eles. Espevitou quando a mãe se ofereceu para os levar de carro e disse logo:

- Boa ideia. Vamos as duas.

— Tu tens que ficar aqui, que os homens da camioneta devem estar a chegar.

— Que esperem.

— Nem penses! Se não estiver aqui ninguém, o mais certo é darem meia volta e deixarem tudo como está.

Ansioso por uns momentos a sós com a Marina, Gonçalo aproveitou o diálogo entre mãe e filha para se despedir e dispensar transporte.

— Nós vamos a pé, não se preocupem. Moramos perto, é um instante.

Sem lhes dar tempo para reagir, acenou e tomou o caminho da vila arrastando Marina consigo.

A noite caíra de mansinho, a Lua subiu no céu em quarto crescente, cantavam os ralos, Vénus brilhava ainda sem a companhia das estrelas. Levantara-se um ventinho morno que espalhava cheiros agradáveis, caminhar àquela hora em boa companhia era uma delícia. Se conhecesse Marina há mais tempo ter-lhe-ia passado o braço à volta dos ombros, mas como não conhecia e ela lhe parecera muito senhora de si e até um pouco arisca, julgou ser mais prudente não o fazer. Em vez de uma aproximação física optou por uma abordagem intelectual e conversaram todo o caminho, numa tal harmonia que poderiam ser tomados por amigos de longa data.

Marina tinha ideias próprias, não dava opiniões gratuitas e revelava maturidade invulgar. Se ele pudesse retardaria o passo, mas como ela tinha pressa aumentou o ritmo.

Embora realmente não morassem longe, pois viviam ambos à entrada da vila, a caminhada deu tempo para que Gonçalo ficasse a saber bastante a respeito dela.

Marina nascera no Porto, a mãe tinha morrido de parto e vivera sempre com o pai que, de vez em quando, arranjava namoros de curta duração.

- Não quis casar outra vez?
- Até agora, não.
- E se quiser, aceitas?
- Claro. Ele é um pai fantástico, sempre me apoiou, tenho obrigação de o apoiar.
- Já percebi que adoras o teu pai.
- E quem é que não adora o pai?

Se Gonçalo não respondeu foi porque a resposta, naquele contexto, seria desagradável. A verdade é que nunca se dera bem com o pai, discutiam imenso e as discussões afastavam-nos cada vez mais.

- Lá em casa conversamos sobre tudo e mais alguma coisa, o que é ótimo.

- Tens sorte.
- Eu sei.
- O que faz o teu pai?
- É advogado e tem escritório no Porto.
- Preferiu vir viver para aqui?
- Preferiu, porque herdou a casa de uns tios, uma casa muito gira. E como a distância dá para ir e vir todos os dias, mudámo-nos.
- E tu? Gostaste da mudança?
- Não desgostei. Eu adapto-me a qualquer ambiente, tenho alma de peregrina.

Nos olhos castanhos faiscava um brilho simpático e atrevido que enfeitava a noite morna. Gonçalo voltou a sentir ganas de a abraçar mas controlou-se e ela continuou a falar.

- Só me custaram os primeiros dias.
- Porquê?
- Porque a casa é grande, tivemos de deitar imensas tralhas para o lixo e limpar tudo de cima a baixo.
- Vocês é que limparam?
- Contratámos pessoas, mas eu ajudei. Arrumar os livros, foi uma canseira e orientar a limpeza do jardim ainda foi pior. Havia silvas por toda a parte, árvores velhas e

secas muito perto da casa, ervas e mais ervas, enfim um autêntico aglomerado de matéria inflamável.

- Ah! Então a tua eficiência no jardim da Vanda já está explicada, tens experiência.
- Se tenho! A limpar o nosso jardim tornei-me especialista.

Aproximaram-se da casa dela, os candeeiros da rua já estavam acesos e a luz suave e dourada punha um toque romântico na atmosfera. Uma rajada de vento mais forte, que lhes remexeu os cabelos e lhes acariciou a pele, provocou-lhes arrepios subtis e ligeiros.

- Moro aqui.

Tinham parado junto de uma casa antiga com janelas de guilhotina e porta tão alta que daria passagem a um gigante. Olharam-se, sem atinarem com a maneira de se despedirem, e que acabou por ser simples:

- Até amanhã.
- Boa noite, Gonçalo.

• Capítulo 5



Alerta máximo!

Antes de meter a chave à porta já Gonçalo ouvia os berros do pai.

— Lá está ele outra vez! Que será que se passa?

Em vez de entrar encostou-se à janela, disposto a intervir se aquele berreiro fosse contra a mãe. Não era.

A fúria tinha como alvo alguém que o pai acusava pelo telefone de ser responsável pelo atraso da entrega das máquinas novas encomendadas para a serração. E que possivelmente não tinha culpa nenhuma.

«Que feitio infernal!», pensou, com certo alívio, pois os assuntos da serração não lhe diziam respeito.

A mãe estava na cozinha a tratar do jantar. Deram um beijo e, conforme se fora tornando habitual, evitaram fazer comentários à cena que se desenrolava na sala. Meia hora depois sentaram-se os três à mesa e logo houve resmungos:

- Peixe outra vez?
- Com este calor, pensei que fosse melhor.
- Calor, calor! Não haverá outro assunto neste país?

A reclamação não impediu que se servisse, mas continuou a rabujar. A mulher e o filho ignoraram-no para não o irritarem ainda mais e ele acabou por se calar.

Gonçalo olhou em volta, desolado. Por que raio teriam de viver assim? A casa era boa, a sala onde se encontravam bonita e confortável, estavam juntos por pertencerem à mesma família, uma família a que não faltava nada. A não ser bom ambiente. E isso dependia deles. Se quisessem, se o pai quisesse, tudo mudaria. Disfarçadamente olhou a mãe, e interrogou-se pela milionésima vez sobre os motivos que a teriam levado a casar com um homem insuportável. Já lhe perguntara, mas não insistira porque a mãe encolhera os ombros e iludira a resposta. Teria preferido ouvi-la dizer que na época do namoro se entendiam bem mas não o disse, paciência.

Tinham acabado de comer, a mãe retirou os pratos e trouxe fruta.

- Não há doce?
- Há um resto de leite-creme. Vou buscar.
- Deixa, mãe. Eu vou.

Levantou-se, foi à cozinha e voltou com uma taça de vidro que pôs em frente do pai.

- Também queres?
- Não, obrigada.

O silêncio voltou a instalar-se. Um silêncio tristonho, pesado, que levou Gonçalo a recordar as palavras de Marina «lá em casa conversamos muito». Imaginou-a à mesa com o pai, os dois à mesa a comerem, a falarem, a rirem fosse do que fosse. Mas ele tinha de se contentar com o que lhe calhara: pai genioso, mãe submissa. Por associação de ideias, ocorreu-lhe pensar como seria a sua vida se tivesse nascido de um casal formado por homem comunicativo e conversador, como o pai da Marina e mãe, alegre e dinâmica como a mãe da Vanda.

«Seria o paraíso!», concluiu «talvez não existam casais assim.»

Para desanuviar acendeu a televisão e apanhou o noticiário a meio.

«... risco máximo de incêndio no território continental durante todo o fim de semana. Humidade reduzida, temperatura muito acima da média para a época e ventos fortes colocam setenta e quatro concelhos de quinze distritos em alerta vermelho.»

A cara do jornalista deu lugar a um mapa de Portugal continental com o contorno dos concelhos pintado a cinco cores para indicar os níveis de risco de incêndio: verde, risco mínimo; amarelo, moderado; laranja, elevado; vermelho, muito elevado; vermelho-escuro, risco máximo.

- O nosso concelho está em alerta vermelho-escuro, pai. Alerta máximo!
- Não é a primeira vez, mas por estas bandas nunca houve problema de maior.
- Temos tido sorte. No entanto, nada garante que desta vez não haja azar.
- E que queres que eu faça? Que encomende chuva?
- Talvez fosse bom tomar precauções.
- Já tomei. Os meus homens perderam dois dias de trabalho a limpar o mato à volta da serração e também limpam aqui à volta da casa.

Gonçalo ficou pensativo um instante. Depois tomou balanço e voltou à carga.



Incêndios em Portugal

- Estamos rodeados de bosques e florestas, com vento o fogo propaga-se a uma velocidade louca, e o pai sabe muito bem que quando não se apagam as chamas nos primeiros minutos pode ser um desastre.
- Lá estás tu com os agoiros.
- Pai, lembre-se do que aconteceu o ano passado no centro e no sul.
- Não te preocupes, que eu tenho tudo sob controlo. Pus quatro homens a fazerem turnos para vigiarem a serração durante o fim-de-semana. Ao primeiro sinal avançam com os extintores.
- E aqui em casa?
- Aqui não vai haver problema. Estamos numa vila.
- No extremo da vila. Pelo sim, pelo não, talvez fosse melhor eu ficar em casa.
A mãe, que ainda não se manifestara, interveio.
- Amanhã não podes. Amanhã é o batizado do filho da Maria Leonor e nós somos os padrinhos.
- Por isso não podem faltar. Mas eu posso.
- Nem penses. A Leonor é a nossa maior amiga, se não apareceres fica desolada.
- Quem é que a mandou ir viver para Espanha?
- Se casou com um espanhol...

- Já percebi que não te apetece viajar, mas vens connosco e vens mesmo.

*

Entretanto em casa da Vanda, mãe e filha trabalhavam juntas no ateliê de cerâmica que tinha sido construído alguns anos antes ao fundo do jardim. Ambas muito atarefadas a embalar peças grandes que um cliente viria buscar na segunda-feira seguinte.

- Ainda bem que consegui ter tudo pronto antes do fim de semana.
- Porquê? Tem algum programa especial?
- Não. Mas com as previsões de temperaturas altíssimas para sábado e domingo não me atrevia a acender o forno para cozer as peças, assim já estão cozidas.
- Entregavam-se cruas — disse Vanda na brincadeira.
- Havia de ser bonito.
- Bonito, bonito vai ser o concerto no Porto.
- Vais a um concerto?
- Já lhe tinha dito. A Rebeca convidou-me e passamos o fim-de-semana em casa da avó dela.
- Onde?
- No Porto, ou melhor, na Foz. Como está calor até talvez dê para ir à praia.

- Leva fato de banho.
- Já está na mochila.
- E bilhete? Tens bilhete?
- Claro. Para estes concertos é preciso comprar com muita antecedência.
- Foi caro?
- Foi. Mas juntei semanadas e paguei eu.
- É bom verificar que continuas a ser poupada. Agora dá-me aqui uma mãozinha para levantar esta jarra que é pesadíssima.
- Se puséssemos esferovite no fundo da caixa antes de meter a jarra cá dentro?
- Boa ideia. Fazes-me muita falta, Vanda. Sem ti e sem o pai o fim de semana vai ser uma neura.
- Ora, mãe! Deixa-te de lamúrias e arranja um programa com amigas.
- Só se quiserem vir até cá, porque com estas previsões meteorológicas o melhor é não arredar pé. Fico em casa.
- Para quê? Queres armar-te em bombeira?
- Não. Quero chamar os bombeiros se for preciso.
- Não há de ser. O tempo está ótimo.

Tinham-se encostado à janela aberta de par em par, inspiraram com gosto o cheiro forte e adocicado das plantas trepadeiras.

- Uma noite assim, convida ao sonho.
- E as matas em redor ameaçam com pesadelos.

Capítulo 6



O terrível incêndio

No dia seguinte Eloísa viu chegar Rebeca ao volante do carro que os avós lhe tinham oferecido como prenda de anos. Dezoito anos. Deu-lhe os parabéns com um sorriso de circunstância e não fez outros comentários porque o que lhe apetecia era perguntar: «Há quanto tempo tens carta de condução? Já foste a guiar até ao Porto ou vais hoje pela primeira vez?» Se essas e outras perguntas do género servissem para alguma coisa não hesitaria, mas como se limitariam a azedar a conversa, não valia a pena.

- Divirtam-se! — recomendou com ar jovial.
- É isso que tencionamos fazer — respondeu-lhe a filha já de partida. — Até amanhã!

O carro arrancou com o solavanco típico da inexperiência, mas seguiu viagem a uma velocidade tranquilizadora. Eloísa deixou-se ficar ao portão, de olhar perdido em recordações do tempo em que tinha a mesma idade. Também ela tirara a carta cedíssimo e, exceção feita a pequenos contratemplos, podia gabar-se de nunca ter provocado ou sofrido um acidente.

«Dantes não havia estes concertos com público aos saltos até de madrugada.»

Gostaria de se autoconvencer de que a filha não corria o menor risco, mas no fundo, lá bem no fundo, latejavam preocupações vagas, em todo o caso incómodas. E conforme acontecia desde que Vanda se iniciara nas saídas noturnas, lamentou a inexistência de um filho, um irmão mais velho que a acompanhasse. Mas reconsiderou. «Hum... Hoje em dia rapaz ou rapariga vai dar no mesmo. Ainda assim, tenho pena de que aquele Gonçalo simpático não vá com elas. Por que será que não o desafiaram? Se calhar têm outros na mira.»

Eloísa estava enganada. Vanda não só o desafiara como insistira bastante para que Gonçalo fosse com elas ao Porto e tentasse obter um bilhete de última hora, mas ele limitou-se a dizer e a repetir que não porque ia

para Espanha. Um chato. Para não estragar o programa, obrigara-se a afastar do pensamento a hipótese de Espanha ser apenas desculpa para se manter perto de Marina. E conseguiu.

Sentada ao lado de Rebeca, pôs-se a fazer planos em voz alta e riam as duas às gargalhadas quando por acaso se cruzaram com Gonçalo, que viajava com os pais noutra direção. Rebeca não percebeu por que motivo o riso da amiga ganhou de repente novas sonoridades e ela também não lhe explicou.

- Se ligássemos o ar condicionado?
- É melhor, sim, está um calor infernal.

*

Lira recebera convite do pessoal da câmara para ir ao mesmo concerto. Tinha recusado por se sentir cansada e molenga devido ao calor. Agora, sozinha em casa, arrependia-se e barafustava contra a temperatura excessiva, contra as nuvens negras e espessas que se acumulavam sem se dignarem a brindar a terra com uma bela chuvada ou, pelo menos, com alguns chuviscos que refrescassem a atmosfera. Encharcada em suor e cheia de dores de cabeça, resolveu tomar um banho frio que lhe soube bem enquanto durou.

— Que inferno! Que inferno!

Cirandava pela sala, quando lhe ocorreu ir comprar uma ventoinha. Então, desandou escada abaixo e precipitou-se para a loja de eletrodomésticos, onde encontrou o dono a fechar a porta.

— Senhor Justino, amigo, não me desiluda!

O velhote achou-lhe graça.

— Que posso fazer para não a desiludir?

— Venda-me uma ventoinha antes de ir embora.

— Está com sorte, dona Lira. Vendi todas, só sobrou uma.

*

Igualmente só e desesperada estava Eloísa. Também ela tomara duche frio, aliás vários. Também ela olhava o céu querendo acreditar que aquelas nuvens espessas e ameaçadoras teriam forçosamente de se desmanchar em bâtegas de água, cordões de água que seriam uma bênção para os terrenos ressequidos e um alívio para a atmosfera sufocante. Mas a chuva tardava e o calor não abrandava.

«Que mal que se está! Que mal que se está», repetia de si para consigo. «Temos mesmo que comprar um aparelho de ar condicionado.»

A noite não trouxe melhoras porque a temperatura não abrandou.

Antes de se deitar tomou mais um duche e estendeu-se em cima dos lençóis para tentar dormir. Duas melgas, com aquele assobiozinho irritante a anunciar picadelas que se transformam em babões comichosos, forçaram-na a levantar-se, a fechar a janela, a ir buscar o inseticida.

Antes de voltar para a cama deu uma última olhadela ao jardim. Levantara-se vento, vento quente que deixava a garganta seca. As árvores, os arbustos e as flores agitavam-se numa dança ondulante e estranha que a inquietou.

«Parece que estão a adivinhar catástrofe», pensou, mas como nunca fora mulher de delírios, substituiu rapidamente a ideia fantasiosa por uma constatação objetiva: «Vento quente não refresca. Abafa-se!»

Certa de que nada naquela noite seria confortável, estendeu-se na cama e abriu o livro que tinha na mesa de cabeceira. A leitura distraiu-a e acalmou-a o suficiente para sentir sono.

«Vou tentar dormir», decidiu.

Apagou a luz e enroscou-se sobre o colchão sem se cobrir sequer com o lençol. Um longo bocejo pareceu-lhe promissor e, na verdade, poucos minutos depois caiu num sono profundo e pesado sem sonhos.

De madrugada um estrondo medonho fê-la despertar em sobressalto.

— Que é isto?

De ouvido à escuta, aguardou, convencida de que tinha havido uma explosão, mas o ribombar de trovões que se sucediam a um ritmo alucinante revelou a origem do inusitado fragor.

— Tempestade! Tempestade!

Ansiosa por verificar se chovia, correu para a janela, e abriu as portadas de madeira no momento exato em que um risco de luz brilhante serpenteou no céu e caiu sobre uma das árvores mais altas da mata vizinha. Ainda ela não se tinha refeito do susto quando as nuvens, carregadas de eletricidade, lançaram sobre a terra raios e coriscos acompanhados por um autêntico coro de trovões.

— A tempestade está aqui mesmo em cima de mim

— Exclamou em voz alta. — E não chove!

Eloísa sabia desde criança que trovoada seca sobre terrenos arborizados se traduz em perigo de incêndio, mas nunca tinha assistido a nenhum e ficou espavorida quando viu colunas de fumo subirem por entre as copas das árvores e, logo a seguir, deflagrarem as primeiras labaredas naquele tom de vermelho inconfundível e, neste caso, aterrorizador. As mãos tremiam-lhe quando pegou no telemóvel e ligou o 112 para dar o alerta e chamar os bombeiros. Quando

desligou vestiu a roupa de véspera, calçou-se e saiu para o jardim, onde acionou o sistema de rega automática para proteger o terreno à volta da casa. Depois pegou na mangueira e regou as paredes, sempre de olho no fogo que se propagava a uma velocidade incrível por causa do vento cada vez mais forte. Não saberia dizer quanto tempo tinha passado desde que saltara da cama, quando constatou que a mata mais próxima se transformara num autêntico brasero. Crepitavam as madeiras, engrossavam as colunas de fumo, dilatava a mancha vermelha e amarela das fogueiras que consumiam tudo em volta como se quisessem fazer desaparecer daquela zona todos os vestígios de vida vegetal, animal, humana. Embora as sirenes dos bombeiros não tivessem tardado, sentiu-se pequena, indefesa, revoltada.

«Como é que pode ter acontecido uma coisa destas? Como? Porquê?» O cheiro do fumo e da madeira queimada invadira-lhe as narinas e dificultava-lhe a respiração. Ao longe soavam gritos, ou talvez guinchos de animais em pânico.

«Que horror! Tenho de fugir!» De facto, convinha-lhe fugir, mas a casa, a sua querida casa, prendia-a ali e por isso não largava a mangueira e continuava a lançar jatos de água sobre as paredes, na esperança de evitar que a casa, construída pelos avós com tanto amor, a casa onde vivera a maior





parte da sua vida, a casa ligada às suas melhores recordações, fosse pasto das chamas. Um bombeiro, de expressão determinada aproximou-se e ordenou.

- Vá-se embora. Nós faremos o que pudermos, mas tem de se ir embora.
- Como? Para onde?
- Aquele carro é seu? Tem a chave?
- Sim, sim. A chave está na ignição.
- Ótimo, siga para sul e depressa.
- Sem levar nada?
- Leva-se a si própria. A vida é o bem mais precioso que temos.

Eloísa olhou uma última vez a porta da casa, depois largou a chorar convulsivamente e sentou-se ao volante a tremer de tal maneira que parecia atacada de febres malignas. Ainda assim, acelerou rumo a sul, sem planos concretos para parar aqui ou além. De caminho, viu magotes de gente desnorreada a esbracejar, a gritar, a chorar. O cheiro a fumo entranhara-se-lhe na pele, no cabelo, na roupa. Ardiam-lhe os olhos, a garganta e a língua tinham adquirido uma consistência de cortiça. Mas o pior de tudo era a aflição tremenda que lhe esmagava o peito. Parou junto às primeiras casas da vila, saiu do carro e aproximou-se das

peças que se tinham espalhado pelas ruas, umas vestidas, outras em camisa ou roupão, descalças, de chinelos, todas com o mesmo pavor estampado no rosto. Algumas rezavam em voz alta, entre elas uma brasileira clamava pelos santos da sua devoção.

— Nossa Senhora Aparecida, Senhor do Bonfim, não nos abandonem!



Capítulo 7



Que destruição!

Carlos Vicente embarcara horas antes sem prevenir ninguém porque queria aparecer em casa de surpresa e ir acordar a mulher e a filha para tomarem o pequeno almoço juntos. Tencionava entregar os presentes quando estivessem à mesa, certo de que desta vez ambas ficariam encantadas com tudo o que lhes comprara, ou com quase tudo, porque ultimamente Vanda só se interessava por coisas que ela própria escolhesse. O avião aterrou no Porto sem novidade, enquanto esperava as malas ligou o telemóvel e procurou mensagens recentes. O que lhe apareceu diante dos olhos deixou-o sem pinga de sangue, mas logo se apercebeu de que à sua volta já várias pessoas falavam no mesmo: incêndio,

um temível incêndio que deflagrara na zona onde ele vivia com a família. Desesperado, tentou falar com a mulher, que não atendeu, depois com a filha, que também não atendeu. Optou então por esquecer a mala, que depois mandaria buscar, e precipitou-se para o parque de estacionamento onde dias antes tinha deixado o carro e partiu a acelerar e a ouvir o rádio na esperança de que as notícias fossem tranquilizadoras. Mas não eram. De mãos crispadas no volante e com uma autêntica garra de ferro a amachucar-lhe o peito, guiou todo o caminho a recomendar a si próprio «Calma! Calma!». Ainda estava longe, quando avistou rolos de fumo preto e sentiu as narinas invadidas pelo cheiro a madeira queimada.

A voz feminina que ia dando informações no tom grave de quem fala de coisas sérias comentava as dificuldades que os bombeiros enfrentavam por causa do vento e de reacendimentos. «Mas aonde? Aonde?»

Perdera a cor e quase perdera as forças quando finalmente se aproximou da casa. Travou a fundo e saiu do carro em pânico a chamar pela mulher e pela filha em altos berros.

— Eloísa! Vanda!

Eloísa não estava longe, mas estava de costas. Mal o viu virou-se e correu a abraçá-lo lavada em lágrimas.

- Carlos! Oh, Carlos!
- A Vanda? Onde está a Vanda?
- No Porto. Foi a um concerto com as amigas.
- No Porto? Está no Porto? — repetiu para melhor se apropriar do bálsamo que lhe sossegava o espírito. — Ainda bem, ainda bem.

Sem largar a mulher, que segurava pelos ombros e descansado em relação à filha, olhou finalmente a casa, o jardim e os campos em redor com olhos de ver. O espetáculo pareceu-lhe digno de um filme de terror.

A casa, que ainda na véspera se erguia linda, pintada de fresco, no meio de um jardim bem cuidado, cheio de flores, agora, com as paredes chamuscadas, alguns vidros partidos e parte do telhado abatido, assemelhava-se a um navio naufragado com a tormenta. Tormenta negra, porque tudo em volta tinha sido queimado, tudo em volta ficara reduzido a cinzas, tudo menos alguns troncos de árvores que se mantinham de pé, sem ramos, nem folhas, hirtos, secos, pretos.

Desolado, apertou a mulher contra si e beijou-lhe os cabelos.

- Não chores mais, Eloísa. O que importa é que estamos vivos e podemos recomeçar do zero.
- Pois...

— Vá, limpa os olhos e vem comigo ver os estragos. Mas com coragem, hã?

Para lhe dar tempo a recompor-se aguardou uns minutos de olhos postos no clarão vermelho que de longe assinalava a tal frente ativa que os bombeiros ainda não tinham conseguido dominar. Um avião de combate aos incêndios sobrevoava a zona despejando nuvens brancas sobre as chamas, de vez em quando o som aflitivo das sirenes cortava o ar, sirenes de veículos que dali não viam.

«Terrível!», pensou. «Precisamos de força, não nos podemos deixar abater.»

Eloísa serenara, conduziu-a através do jardim tentando animá-la com palavras encorajadoras.

— Lembra-te de que somos dois, aliás três, três pessoas fortes, bravas, não? Há de ficar tudo ainda mais bonito do que era.

Ela apontou-lhe o anexo, que se encontrava reduzido a um montão de escombros calcinados.

— O meu trabalho — soluçou. — Não sobrou nada do ateliê de cerâmica.

— Pois não, querida, pois não, mas agora não penses nisso, vamos ver a casa.

Em casa, Carlos verificou que o fogo além de ter destruído parte do telhado e os vidros das janelas do andar de cima, deixara marcas profundas nas estantes, na secretária, nas paredes e no tapete do escritório. Mas as outras divisões tinham escapado.

— Eloísa, no meio de azar, tivemos sorte.

— Achas?

— Então não acho? Olha vê.

A infeliz, traumatizada pela experiência que vivera sozinha, passeou a vista pelos móveis da sala, pelos tapetes, pelas loiças da cozinha, mas fê-lo com a expressão neutra e alheada de quem não reconhece o que tem diante de si.

— Como é que isto aconteceu? — repetiu. — Como?

— Isso pergunto eu. Como foi? Conta-me.

— Não sei se consigo.

— Consegues, sim. Anda comigo lá para fora.

— Quero ver os quartos.

— Está bem. Damos a volta completa e depois saímos.
Anda.

Eloísa retraía-se por lhe ser difícil reviver aquelas horas malditas, mas também ansiava por um desabafo que

a libertasse ou pelo menos lhe aliviasse o medo e a angústia que se lhe instalara no corpo e no espírito.

Pendurada no braço do marido sentia-se reconfortada, foi acalmando, embora com esforço lá lhe contou que tinha havido uma trovoada seca, que tinham caído raios sobre a mata e que o vento furioso, soprando a mais de cem quilómetros à hora, muito contribuíra para propagar o incêndio.

- Julguei que estávamos a salvo, sabes? Tinham vindo cortar as árvores mais próximas, levaram os troncos, e depois, eu, a Vanda e uns amigos dela limpámos tudo.
- Por muitos cuidados que uma pessoa tenha, nunca se está totalmente a salvo de incêndios.
- Pois não. Quando vi as primeiras chamas, telefonei logo para os bombeiros
- E eles vieram?
- Vieram imediatamente. Se não fossem eles a casa também tinha ardido, porque de repente o vento virou para cá e, olha, nem sei como te explicar, mas parecia que o ar estava a arder, que havia fagulhas a voar ao meu encontro. Oh, Carlos! Foi horrível!
- Eu sei. Mas tens de fazer um esforço para tirar essas imagens da cabeça. Acabou. Já passou.
- Já?



A pergunta foi feita num tom irônico, porque o clarão vermelho que avistavam ao longe não permitia dúvidas. O incêndio ainda não fora extinto e as chamas, impiedosas, prosseguiram com a sua missão destruidora.

— À nossa volta não pode arder mais nada porque já ardeu tudo. Por isso é que te disse «acabou». Acabou para nós, infelizmente não acabou para muitos outros.

— E as próximas vítimas são os Gama.

— Hã?

— O fogo está a avançar para o sítio onde fica a serração dos Gama. Se lá chegar é o fim. Coitados, que prejuízo tremendo.

— Terão de recomeçar não é do zero, é abaixo de zero.

— Mas com certeza têm seguro, porque é obrigatório, não?

— Suponho que sim. Mas mesmo que não seja, só um louco é que mantinha uma serração em zona florestal sem fazer seguro. E o Fausto Gama pode ser muita coisa, mas louco não me parece que seja.

— Claro.

Tinham parado junto do anexo. Eloísa voltou a lamentar a perda do seu adorado ateliê de cerâmica, o marido voltou a garantir-lhe que reconstruiriam tudo.

- Vai custar um dinheirão.
- Custar, custa. Mas nós também temos seguro.
- E o anexo estava incluído na apólice?
- Que pergunta. Claro que estava.

De súbito, lembrou-se da data em que devia ter feito o pagamento.

- Pagaste o seguro, Eloísa?
Ela pestanejou, atrapalhada.
- Pedi à Vanda que pagasse.
- E ela pagou?
- Se preferes que te diga a verdade, não verifiquei. Mas espero que sim.
- Vamos perguntar — decidiu, pegando no telemóvel.
— Não há nada como perguntar para ficar a saber.

Capítulo 8



Cenário desolador

O telemóvel da Vanda não deu sinal porque ficara sem bateria a meio da noite. Quando se apercebeu, o concerto estava no auge, pouco se importou. E ainda que se importasse, não havia nada a fazer. O problema só se resolvia em casa dos avós da Rebeca e se houvesse por lá um carregador compatível. Como não havia, esqueceu e entregou-se à deliciosa descoberta de quartos e salas com à-vontade porque os donos da casa se encontravam ausentes. O apartamento era esplêndido e tinha um terraço enorme de onde se avistava quase toda a cidade do Porto. Debruçadas no terraço, contemplaram com gosto o casario, a manta de luzinhas, a Torre dos Clérigos a apontar para o céu e lá ao fundo a curva do rio.

Que cidade bonita! Apesar do cansaço, deixaram-se ficar ali à conversa imenso tempo. E, conforme acontece a horas tardias, a troca de impressões deu lugar a confidências.

Rebeca queixou-se do pai que, por falta de tempo, pouco participava no dia a dia da família e da mãe, por se ter tornado especialista em alimentar conflitos inúteis no trabalho, que só serviam para lhe infernizar a vida. Mas gabara os avós.

- São ele que me valem. Foram uma referência desde que nasci. Conto com eles para tudo.
- E dão-te tudo o que queres, não é?
- Dão-me muita coisa, sim. Mas não à toa. Sempre que pedi inutilidades ou caí em exageros, disseram que não e explicaram porquê. Gosto imenso deles, entendemo-nos bem e, por estranho que te pareça, quando me interesse por um rapaz não resisto e conto à minha avó.
- Então, depois do que se passou no concerto, tens muito que lhe contar.
- Alguma coisa terei. Aquele Ernesto era o máximo.
- Já o conhecias?
- Acho que não, mas a cara dele não me é estranha...

Palavra puxa palavra, Rebeca sentiu-se à vontade para perguntar:

- E tu? Andas com alguém?
- Andava com o Gonçalo no verão, mas fui estúpida porque deixei cair.
- Volta à carga.
- Estou a tentar.
- E ele? Não te liga?
- Vamos ver.
- Não está a ser fácil?
- Nem por isso, o que não admira porque a concorrência é forte.
- Andam outras a fazer-se?
- Parece que sim.
- Quem?
- A Lira.
- A Lira? Essa é mais velha e é professora.
- Pouco mais velha, muito gira e as aulas são de teatro.
- Bom...
- E há mais candidatas. Conheces aquela Marina que entrou para o 10.º ano?
- De vista.
- Parece uma mosquinha morta, mas já percebi que impressiona os rapazes. Não sei bem porquê? Mas impressiona.
- E o Gonçalo Prestes anda interessado nela?

- Não é o Gonçalo Prestes é o Gonçalo Gama.
- Ah! Nesse caso foste realmente parva em deixar cair.
- Pois fui.
- Por que é que não o desafiaste para vir ao concerto?
- Desafiei, mas ele ia para Espanha com os pais.
- Então hoje podes dormir descansada.

Ainda falavam do Gonçalo quando se deitaram sem saber nada a respeito do incêndio que lavrava na zona onde viviam, porque Rebeca tinha desligado o telemóvel no concerto e esquecera-se de o voltar a ligar.

A ideia de que Gonçalo estava longe ajudara Vanda a adormecer. Agora dormia tranquilamente.

*

Gonçalo não estava longe, estava a caminho. O pai tinha sido avisado pelo guarda Anastácio de que a serração fora atingida por um incêndio de grandes proporções. Fartara-se de lhe fazer perguntas, mas por muitas perguntas que fizesse, em vez de respostas, ouvia lamentos.

- Que desgraça, senhor Gama, nunca vi tamanha desgraça! Decidiu então ligar ao Neves.
 - Sempre é encarregado talvez seja capaz de me explicar o que se passa.
- Ligar, ligou, mas sem conseguir estabelecer contacto.

— Tenta o telefone fixo dos Moraes — sugeriu a mulher, lívida e assustada.

Ao contrário do que era habitual, seguiu o conselho, ligou aos vizinhos, ficou a saber o que se passava e pôde informar a mulher e o filho.

— Confirmaram. Há um incêndio nas matas a norte da vila.

— E na vila?

— A vila está a salvo. Parece é que caíram as antenas dos telemóveis. Mas logo se vê. — E a serração? Sabiam alguma coisa?

— Não. Mas o Anastácio disse o suficiente. Temos de ir embora imediatamente. Tragam as malas.

Gonçalo ofereceu-se para conduzir, o pai não quis.

A mãe preferiu instalar-se no banco de trás e fizeram-se à estrada sem abrir a boca. Como tinham um bom par de quilómetros pela frente, a viagem pareceu-lhes interminável, tanto mais que através da rádio só lhes chegavam notícias confrangedoras. Afinal não havia um mas múltiplos incêndios, apesar de terem sido chamadas várias corporações de bombeiros, apesar da intervenção dos meios aéreos ainda não fora possível dominar todas as frentes. À medida que se aproximavam a inquietação crescia, porque

uma coisa é ouvir falar de catástrofes outra é vê-las ao vivo. E eles circulavam entre colinas que de um lado continuavam verdes e arborizadas e de outro se apresentavam pretas e cinzentas, com o que restava da vegetação totalmente carbonizada, ainda quente e a emitir rolos de fumo. E lá em cima, no topo, bruxuleavam labaredas infernais. Só então compreenderam o alcance do que dissera Anastácio: «uma desgraça, que desgraça para tanta gente».

Nas últimas curvas e contracurvas o pai não quis ouvir mais, desligou a rádio.

— Vou direito à vila e deixo-te em casa.

— A mim? — perguntou Gonçalo.

— À tua mãe. Eu vou à serração se quiseres vem comigo.

— Será que te deixam passar?

— Logo se vê. Se não deixarem, espero.

De caminho, cruzaram-se com carros de bombeiros que vinham em sentido contrário.

— Pelos vistos, a nossa desgraça está consumada.

Nem a mulher nem o filho fizeram comentários.

Meia hora depois os Gama atravessaram um campo negro e fumegante para darem de caras com o negócio de família reduzido a cinzas. Das instalações, só sobravam algumas paredes e não estavam inteiras. O telhado ruíra e

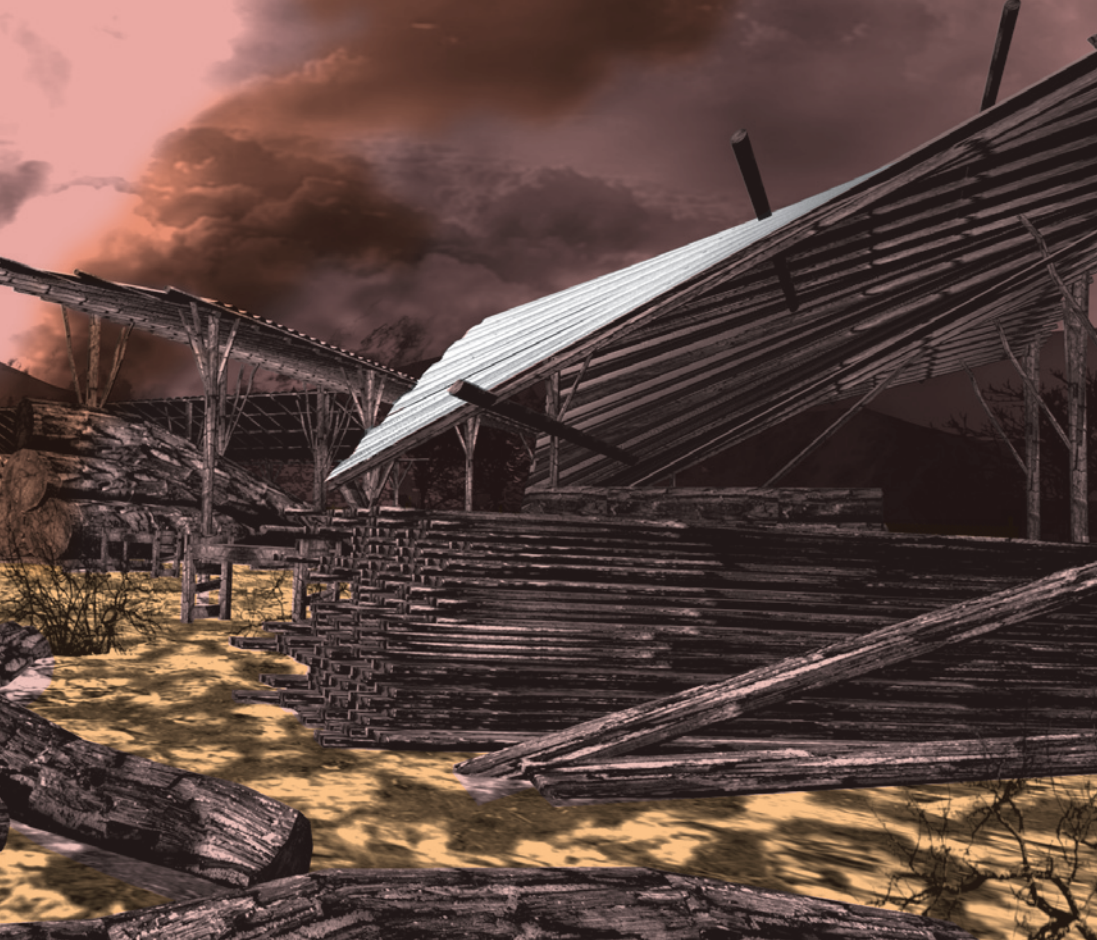
abatera-se em pedaços sobre as máquinas, que agora não passavam de um amontoado de ferros retorcidos. Troncos e tábuas tinham servido de pasto às chamas. E duas camionetas de caixa aberta consumidas pelo fogo, pareciam carcaças vazias atiradas há muito para um ferro velho.

Dos guardas que o pai encarregara de vigiar e proteger o recinto da serração, nem sinal.

- Onde estará o Anastácio?
- Fugiu, pai. E ainda bem que fugiu a tempo.
- Sim... ele tem uma moto. Pirou-se e levou o colega. Safaram-se. Gonçalo hesitava quanto ao que dizer. Sabia o que aquele desastre representava para o pai que tanto investira financeira e emocionalmente na serração. Ver tudo destruído só podia ser desanimador, desolador. Gostaria de apoiar, de se mostrar solidário. Mas o pai não era homem que desse parte de fraco. Empalidecera, tinha um rito de amargura nos lábios contraídos e era tudo, da boca não lhe saía um queixume. Por muito mal que se dessem, não pôde deixar de o admirar.
- E agora, pai?
- Agora a única coisa em que tenho de pensar é no recesso. Vou reconstruir a serração ainda melhor. Há de ser maior, mais moderna, mais eficiente.



- Pede um empréstimo ao banco?
- Se for necessário, mas como tenho seguro, vou contactar a companhia de seguros e fazer a declaração.
- Acha que o que tem a receber cobre todo o prejuízo?
- Talvez. Sempre pensei que mais vale prevenir do que remediar, por isso nunca poupei em seguros. Chegou o dia em que se tornou claro que tinha razão.



Os olhos de ambos estavam congestionados, vermelhos, não de lágrimas, mas da atmosfera impregnada de fumos com cheiros intensos e nocivos.

— Vamos embora daqui.

Capítulo 9



Em polvorosa

Na vila os incêndios eram o único assunto de todas as conversas. Não faltavam boatos e opiniões contraditórias que excitavam os ânimos. Havia quem gabasse a coragem e a eficiência dos bombeiros, havia também quem lhes apontasse o dedo e os acusasse de terem demorado a chegar aos locais onde eram mais necessários ou de não serem suficientemente competentes.

Multiplicavam-se os relatos de todo o tipo, a tal ponto que já não se sabia quem se cingia à verdade e quem exagerava para se tornar interessante, ou para suscitar comiseração.

Corria o boato de que toda aquela desgraça resultara de mãos criminosas e chegaram a ouvir-se nos cafés nomes

de pessoas que ninguém conhecia, mas que teriam visto os incendiários. A rádio e a televisão, sempre ansiosas por ilustrar notícias com testemunhos diretos, entrevistavam gente que se dispusesse a falar e não faltavam voluntários prontos a fazer declarações sobre o que tinham presenciado, sobre o que tinham ouvido, emitindo juízos sem distinguir factos de opiniões pessoais. De modo que, além da vila, o país inteiro ficou em polvorosa e a discutir à toa.

Lira, que não sofrera diretamente qualquer perda, ficou profundamente abalada, mas preferiu não revelar as suas mágoas. Alunos, colegas, vizinhos, enfim, as pessoas com quem se cruzava e conversava, tinham-se habituado a ouvi-la gabar a terra e as gentes no maior entusiasmo. E isso tornava-a próxima, garantia-lhe aprovação, afetos, bom acolhimento. Se desatasse a dizer o que lhe ia na alma, a queixar-se de que as suas expectativas de um futuro isento de inseguranças sofrera um duro golpe, perdia a aura e provavelmente amizades, mas dizia a si própria: «Afinal, segurança absoluta não existe em parte nenhuma. Não são só os seres humanos que representam perigo. A natureza também nos pode atacar quando menos esperamos.»

Sozinha, passeava-se nos limites da vila, a poucos metros da terra queimada, sem conseguir libertar-se de

uma ideia aterrorizadora: «Se o fogo atingisse a vila, a desgraça seria total.» E a mente enchia-se-lhe de coisas terríficas que adoraria não imaginar.

Naquela tarde os clientes habituais da pastelaria que ela frequentava estranharam que se mantivesse calada e se limitasse a ouvir as discussões. Discussões acesas entre quem estava sentado e quem estava em pé, entre amigos, conhecidos e até forasteiros.

- Os maiores culpados são os donos das matas que não as limpam — dizia um homem encostado ao balcão — porque toda a gente sabe que o tempo está cada vez mais quente e que basta uma fagulha no tojo seco para atear o incêndio.
- Agora a culpa é dos proprietários? Cá na terra quase todos limparam as matas. A exceção foram os velhos que não têm forças nem dinheiro para pagar a quem limpe. E ninguém os ajuda! — ripostou uma mulher lá do canto. — Ninguém os ajuda!
- Tem toda a razão, dona Felismina. A câmara tinha obrigação de apoiar quem precisa e não fez nada.
- Não fez nada? Que injustiça! Este presidente da câmara é o melhor que já tivemos. Mandou abrir caminhos florestais, mandou limpar as bermas das estradas, fez

avisos, e mais avisos, mas as pessoas são teimosas e não cumprem as regras.

— Teimosas e desleixadas!

A berraria cruzada estava a tornar-se insuportável. Lira levantou-se pagou e saiu discretamente. No largo fronteiro esbarrou com um dos rapazes da escola de quem mais gostava, porque era simpatiquíssimo.

— Gonçalo!

— Olá, Lira.

— Que cara é essa?

— Cara de quem viu as oficinas de família carbonizadas.

— As oficinas?

— Sim. Nós temos, quer dizer tínhamos uma serração aí adiante. Ardeu tudo, não ficou nem uma tábua para amostra.

— Que horror! Gonçalo, que horror!

Como não era muito fácil comentar uma tragédia daquela dimensão, seguiram caminho lado a lado, e em silêncio, até ao momento em que Gonçalo se despediu.

— Tenho que ir para casa dar apoio ao meu pai. Até logo.

*

Fausto Gama convocara todo o pessoal para uma reunião no seu escritório. Quando o filho entrou, acabava de

informar os empregados de que tencionava mantê-los ao serviço, com os ordenados garantidos, enquanto se reconstruísse a serração. Os homens respiraram de alívio e Gonçalo sentiu-se orgulhoso do pai. Ele continuou:

- Já contactei o mediador de seguros, o perito deve vir cá amanhã. Antes disso não podemos fazer nada, mas logo que esteja tudo esclarecido, começamos com as limpezas. Preciso de todos. Entendido?

Respondeu-lhe um coro a meio tom: «Sim... Sim.»

- Agora preciso de saber exatamente o que aconteceu. Diz lá, tu é que estavas de guarda, era o teu turno.

Anastácio enrolou o boné nas mãos e depois balbuciou, pouco à vontade:

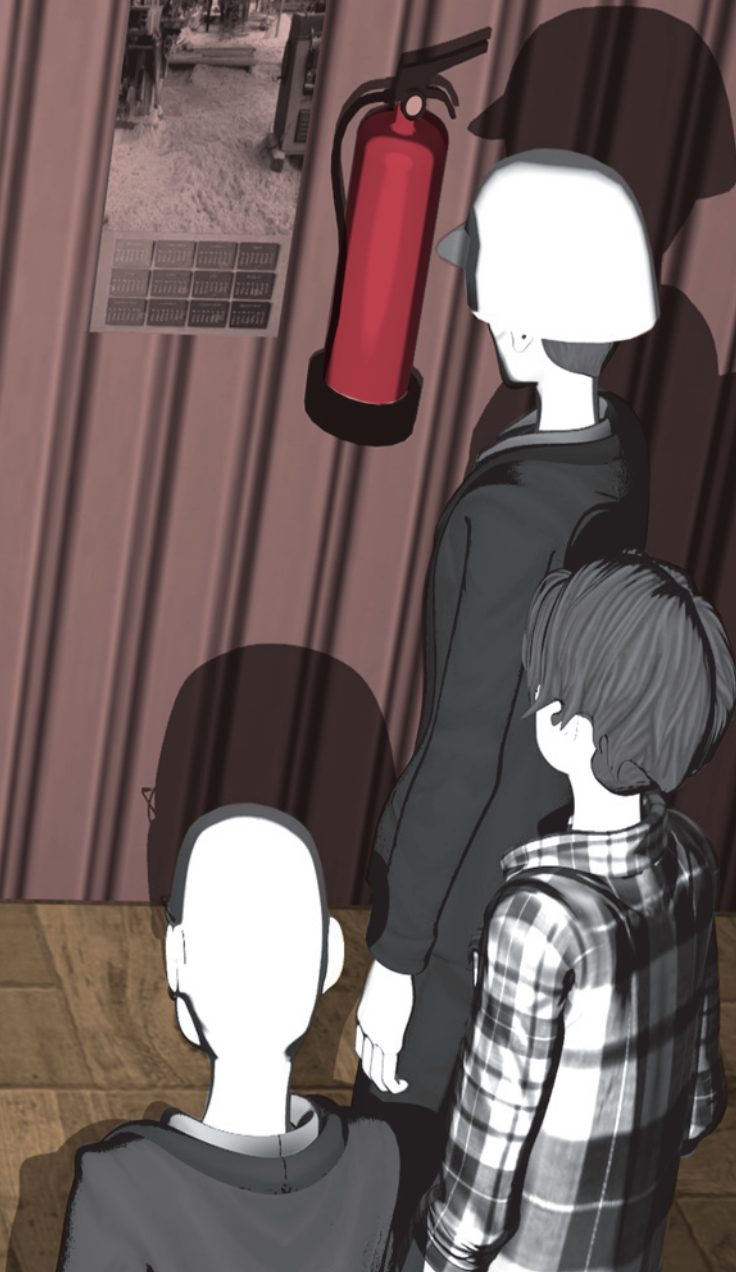
- O fogo veio de repente e logo muito forte. Eu ainda peguei na mangueira, mas não fui a tempo. Tive de fugir para salvar a pele.

Gonçalo e o pai, que o viam de frente, estranharam a atrapalhação e aperceberam-se de que entre os outros empregados se trocavam olhares que só podiam significar que não acreditavam.

O patrão, desconfiado, pôs-se em pé, aproximou-se dele e interpelou-o de cara fechada:

- Onde é que estavas quando viste as primeiras chamas?





— Eu... eu... — gaguejou Anastácio sem atinar com uma resposta que o safasse de apertos.

Não foi preciso muito mais para que se tornasse evidente que mentia. Fausto apertou-o com mais perguntas e ele acabou por confessar que abandonara o posto para ir de moto num instante à vila buscar comida porque estava cheio de fome e não tinha levado farnel.

— Não podia demorar e não demorei, mas quando ia de volta já o fogo alastrava, não pude parar.

O cenário que se seguiu foi de tal ordem que Gonçalo receou ver o pai cair redondo, com um ataque de coração. Como não era possível definir estratégias ou combinar fosse o que fosse naquela situação, sugeriu-lhe em voz baixa que pusesse fim àquela reunião.

— Depois chama-os. Noutra altura falam.

Fausto ainda hesitou, mas reconheceu que seria melhor falar mais tarde e de cabeça fria.

— Vão-se embora, podem ir embora.

Apontava a porta, que Gonçalo se apressara a abrir. Os homens saíram cabisbaixos e só discutiram onde o patrão já não podia ouvir. Todos sabiam que o colega Anastácio abandonara o seu posto, porque numa terra pequena sabe-se sempre tudo. Anastácio aliás não tinha ido à vila

buscar comida, tinha era ido beber um copo com os amigos e muita gente o vira. Mas embora lhes parecesse mal e agora o descompusessem, nenhum deles o denunciara.

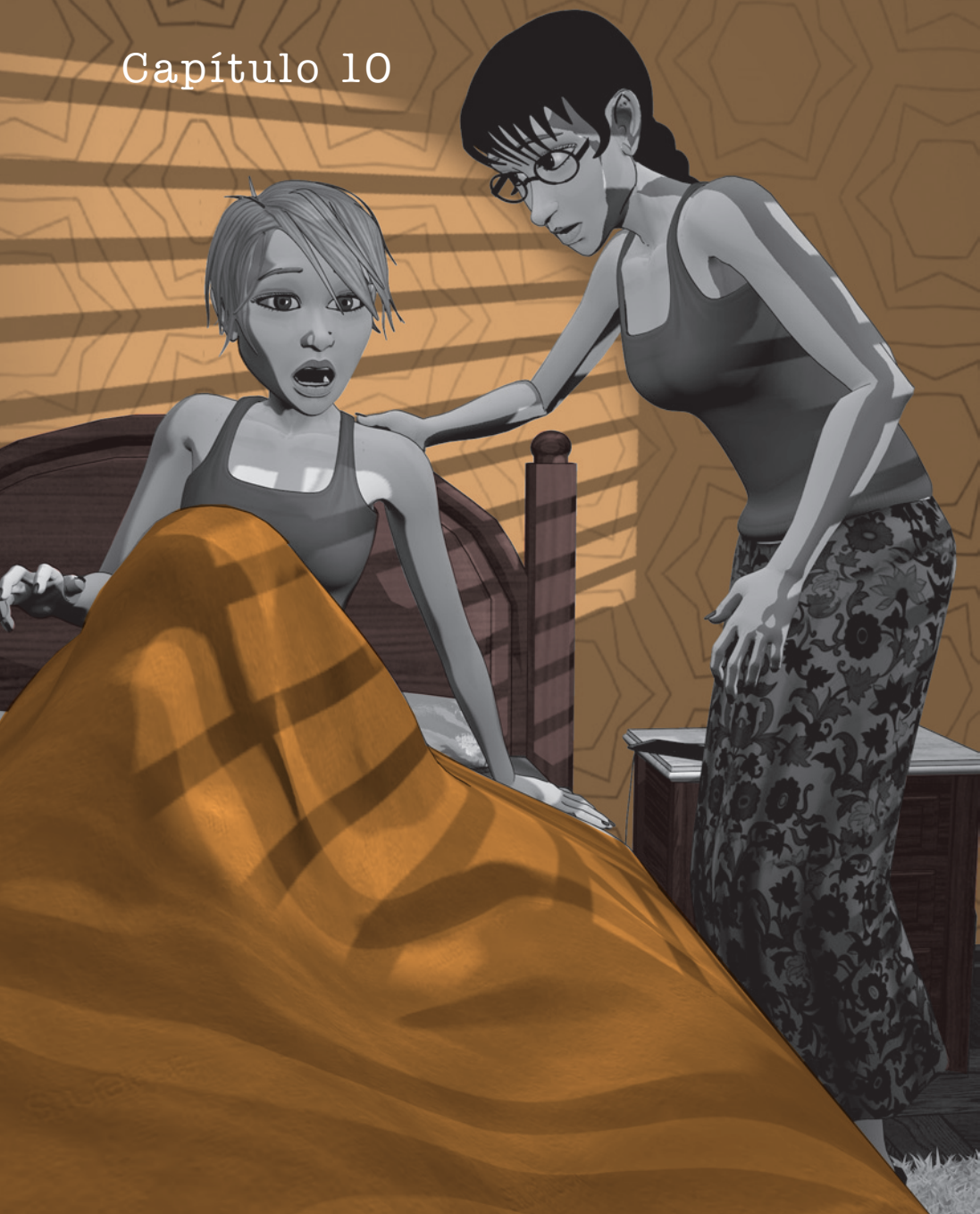
Entretanto, em casa dos Gama, o berreiro continuava para desespero de Gonçalo e da mãe.

- Aquele malandro! Aquele tipo é um malandro! Podia ter evitado esta tragédia!
- Ó pai, acalme-se. Se calhar não podia e até foi bom que lá não estivesse.
- Como é que podes dizer uma coisa dessas?
- Posso porque este incêndio foi terrível. Estava um calor anormal e uma ventania desvairada. Não era humanamente possível controlar as chamas.
- Depois de ganharem força. Mas se o Anastácio tivesse dado o alerta a tempo, os bombeiros tinham protegido a serração.
- Ou não, pai. Se o Anastácio lá estivesse podia era ter morrido queimado.

O argumento funcionou, Fausto calou-se, ficou pensativo uns instantes e abandonou o escritório a resmungar.

- Incompetente e aldrabão. Ainda por cima aldrabão. Detesto mentiras!

Capítulo 10



No rescaldo do incêndio

Vanda, sem bateria no telemóvel, tinha dormido profundamente sobre o magnífico colchão do quarto que os avós de Rebeca reservaram para os netos. Despertou sobressaltada quando a amiga a abanou com violência:

- Acorda, Vanda! Acorda!
- Que foi?
- Houve um incêndio, um grande incêndio na nossa zona.
- Na nossa zona? Na vila? — perguntou quase em estado de choque.
- Não. Nas matas.
- Eu vivo no campo, ao lado da mata. Sabes se aconteceu alguma coisa à minha casa?

- Sei — disse Rebeca muito séria. — Ardeu uma parte.
- A minha mãe estava lá, ficou em casa sozinha...
- Acalma-te, Vanda. Só há dois feridos e são bombeiros.
- Como é que sabes?
- Sei pelo meu pai. Acabei agora mesmo de falar com ele.
- Emprresta-me o telemóvel que o meu não tem bateria.
- Toma.

Nunca antes Vanda dera tanto valor a uma comunicação à distância. Quando a voz querida lhe chegou ao ouvido, desatou a chorar e foi por entre soluços que escutou o relato feito pela mãe, a quem só conseguia dizer: «Vou já para aí. Vou já para aí.»

- Olha lá, pagaste o seguro como eu te pedi? O seguro da casa?
- Acho que sim.
- Achas ou tens a certeza?
- Pagar, paguei. Mas foi no multibanco e não me lembro de ter saído talão. Haverá problema?
- Se foi só falta de papel não há. Mas se a operação não ficou concluída por algum motivo, talvez haja.
- Eu vou já para aí — repetiu —, não demoro.

Se Eloísa já estava agitada, mais agitada ficou. Valeu-lhe o marido, que, em vez de esperar, telefonou imediata-

mente para a companhia de seguros e tirou o assunto a limpo.

- Não te preocupes. O pagamento foi feito e o perito até vem a caminho porque aqui na zona têm vários clientes.
- Se calhar um deles é o Fausto Gama, da serração.
- Esse, com certeza perdeu tudo.
- A seguradora, seja lá qual for, vai ter de despachar uma bela quantia.

*

Fausto Gama acabava naquele preciso momento de enviar por e-mail a declaração do sinistro, devidamente assinada. Para ficar com uma cópia, imprimiu todas as folhas e ajeitou-as em cima da secretária. Debatia-se em silêncio contra um mal-estar interior de que não se veria livre tão cedo, porque ao desgosto e ao prejuízo se juntava o incómodo perplexizante de não ter nada que fazer.

«Sou um homem de trabalho, e trabalho dia e noite. Estar aqui parado não é para mim! Tomara que o perito da companhia de seguros chegue depressa para podermos falar, combinar, dar o pontapé de saída para o recomeço. Por uma óbvia associação de ideias, lembrou-se dos canais de televisão dedicados ao desporto e resolveu ir para a sala procurar um

jogo de futebol que lhe interessasse. E encontrou. Recostado no sofá, concentrou-se nas jogadas e não pôde deixar de vibrar com o golo extraordinário de um jovem que acabara de ser adquirido por uma quantia astronómica. Mas não chegou a assistir ao jogo até ao fim, porque o filho irrompeu pela sala a agitar as folhas que ele deixara em cima da secretária.

— O que é isto, pai?

— É a declaração para a companhia de seguros.

— Eu sei. Já li.

Pálido e de expressão transtornada, avançou para o meio da sala a perguntar:

— Pensou bem no que escreveu aqui?

— Não precisei de pensar muito. Descrevi o que aconteceu, registei as perdas e assinei.

— Uma aldrabice. Assinou uma aldrabice!

Gritava, a mãe ouviu, apareceu a ver o que se passava e também ficou transtornada ao dar de caras com os dois em pé e aos berros.

— Fausto — murmurou, segurando-o pelo braço. — Fausto. Ele sacudiu-a.

— Vai-te embora daqui! Sai! Deixa-me!

Naquela casa, habitualmente, obedeciam-lhe, mas desta vez nem o filho nem a mulher se retiraram.



— A mãe sabe o que o pai fez? Sabe?

Sem esperar resposta, continuou:

— Resolveu aldrabar a companhia de seguros.

Nervosíssimo, passou-lhe os papéis para as mãos.

— Eu já li, leia também. O pai declarou tudo o que perdeu e o que não perdeu, porque as máquinas encomendadas da Alemanha não chegaram antes do incêndio. Portanto não arderam. Declarar que arderam é mentira.

A mulher olhou para ele de sobrancelhas erguidas, depois olhou o filho e ficou espedada sem saber o que fazer.

— Dá cá isso! — vociferou Fausto. — Vocês não têm de se meter nos meus negócios. Negócios que pagam as despesas da família. As vossas despesas. Quem é que trabalha cá em casa? Eu! Só eu é que trabalho. Se não fosse eu, queria ver como se aguentavam.

— E talvez veja — disse o Gonçalo num tom gélido, mas desafiante —, porque os peritos de seguros não são estúpidos. Vão descobrir que fez declarações falsas, em vez de receber mais do que aquilo a que realmente tem direito, vão acusá-lo de fraude, e fraude é crime. Não recebe nada e perde o prestígio na terra, vai ser uma vergonha para si e para nós.

Incapaz de manter a discussão, deu meia volta e saiu porta fora, deixando a mãe petrificada e o pai num estado de espírito vacilante, entre a fúria e a inquietação.

*

Gonçalo começou por se convencer de que não lhe apetecia falar com ninguém, por isso evitou a zona dos cafés e deambulou sozinho, suado e triste, pelas ruas menos frequentadas. Depois enveredou por uma das estradas secundárias que rodeavam a vila. Os campos em redor, agora em tons de cinzento e preto, sem vida e com um persistente cheiro a queimado, metiam dó.

Apeteceu-lhe afastar-se, desaparecer e fugir dali, mas para onde? A solução apresentou-se a uma distância fácil de percorrer.

— Vou a casa da Vanda.

Depressa alcançou o portão, mas chegando lá e vendo que também ali o fogo deixara marcas fortes, hesitou. Seria oportuno ir incomodar a família? Ainda não tinha decidido, quando ouviu chamar:

— Gonçalo! Gonçalo! Entra!

Era Vanda, debruçada na janela do andar de cima. Acenava-lhe e insistia.

— Entra, que eu desço.

Radiante com a visita, correu ao encontro dele e aproveitou para o abraçar enquanto dizia:

— Já sei o que aconteceu à serração. Cá em casa ficámos todos consternados.

Ele retribuiu o abraço e soube-lhe bem a presença calorosa, as palavras amigas, o perfume dos cabelos loiros.

— Vocês também foram atingidos?

— Fomos. Mas, sem a limpeza da mata e do jardim, teria sido muito pior.

— Ainda bem que pudemos ajudar.

— E ajudaste muito — disse logo a Vanda, de maneira a eclipsar a colaboração de Marina. — Foste impecável.

Um carro azul-metálico acabava de estacionar junto ao muro. Lá de dentro saltou um homem novo, alto e bem constituído. Vestia roupa informal e transportava uma pasta debaixo do braço.

— É aqui que mora o doutor Carlos Vicente?

— Sim, é o meu pai.

O homem aproximou-se de mão estendida e sorriso aberto. Apresentou-se:

— Fernando Soutinho. Sou o perito da companhia de seguros.

A palavra perito desencadeou guinadas no peito de Gonçalo, guinadas de desconforto por rezear que fosse aquele homem de ar firme e determinado a desmascarar o pai. Com um aceno despediu-se e foi embora.

Vanda encaminhou o perito Soutinho para o alpendre.

— Por aqui. Venha por aqui.

Mal o vira classificara-o mentalmente de «bem giro». Cabelo preto, olhos azuis com pestanas pretas, boca fina, barbicha bem aparada e dentes imaculados.

«Aprova-díssimo», concluiu.

Os pais receberam-no com simpatia e agradeceram a prontidão da visita.

- Estamos muito abalados e, nestas situações, fica-se impaciente.
- Eu sei, eu sei. O meu trabalho implica contactos constantes com pessoas que sofreram todo o tipo de perdas. Felizmente no vosso caso as perdas são só materiais.
- Mesmo assim, fica-se psicologicamente afetado. E as pessoas demoram a recompor-se. O melhor remédio é dar início ao processo para que tudo se resolva com rapidez. Podemos sentar-nos?
- Com certeza.

- Talvez na sala de jantar?
- Boa ideia.

Eloísa conduziu o perito para a sala do lado, Carlos seguiu-a e Vanda também. Instalaram-se à volta da mesa e Fernando Soutinho retirou o computador portátil da pasta, abriu-o, puxou para o ecrã os documentos de que precisava e deu início a uma conversa amena.

- A vossa apólice de seguros de multirriscos tem uma cobertura bastante alargada.
- Pois tem, porque me encasquetaram na cabeça desde pequeno que mais vale prevenir do que remediar.
- É um bom lema. Se toda a gente pensasse assim, havia menos surpresas desagradáveis.

Vanda, que estava ansiosa por se fazer notar, aproveitou a deixa.

- Quer dizer que o seguro vai pagar tudo o que ardeu?
- Tenho que ver os estragos. Tudo, tudo, os seguros nunca pagam. O que pagam é a reposição do que se perdeu e que estava identificado.
- Não percebo.
- Pois é simples — explicou, com um sorriso que o tornava ainda mais atraente. — Se fizeres um seguro

multirriscos para a tua casa, sem incluir o recheio, em caso de incêndio o seguro só cobre a despesa de reconstrução da casa. Se incluir o recheio em termos globais, e mais tarde comprares um quadro valioso ou joias que não seguraste, esses bens não são considerados.

- O meu pai é do tipo que declarava tudo e mais alguma coisa, até ao mais ínfimo pormenor.
- E faz bem. Já verifiquei que acrescentou à apólice inicial os painéis e os outros equipamentos de energia solar que adquiriu há pouco tempo.
- Olha se não acrescentava! Foi precisamente a zona do telhado onde estavam os painéis que ardeu e ruiu.

A conversa continuou serena e amigável porque estava tudo em ordem.

De seguida, Fernando Soutinho fez uma vistoria rigorosa à casa, ao jardim e ao anexo para verificar se os elementos registados na declaração correspondiam aos prejuízos reais, tirou fotografias, tomou notas. Depois, ainda no jardim, fez comentários sobre o número de incêndios dos últimos anos.

- Isto é um problema terrível e se não conseguirmos limitar o aquecimento global não sei onde vamos parar.

Eloísa pegou-lhe na palavra:

- Tem havido tantas reuniões, tantas conferências, tantos compromissos entre países para que a temperatura média não suba e afinal não se veem grandes resultados.
- E até se estabeleceu uma meta: até 2030 não deve subir mais do que os 2 graus, não é? — perguntou Vanda.
- É, mas convém que os países respeitem o acordo, porque senão é o desastre. Incêndios cada vez mais frequentes e mais intensos, inundações, furacões, ciclones, enfim, fenómenos da Natureza com efeitos devastadores.

Se isso acontecer pode chegar a um momento em que deixa de ser possível fazer seguros.

- Porquê?
- Porque desaparecia o elemento essencial do seguro que é a incerteza associada à verificação do risco. Se o risco se transformar em certeza, tudo muda.
- Nunca tinha pensado nisso.
- Nem eu, mas é lógico.
- Pois é. As seguradoras funcionam na base da probabilidade. Têm muitos clientes a pagar para poderem cobrir os prejuízos dos que têm o azar de ser afetados.

Se catástrofes e desastres passarem a ser uma certeza torna-se impossível pagar os prejuízos e portanto não se podem fazer seguros, o que é mau para todos.

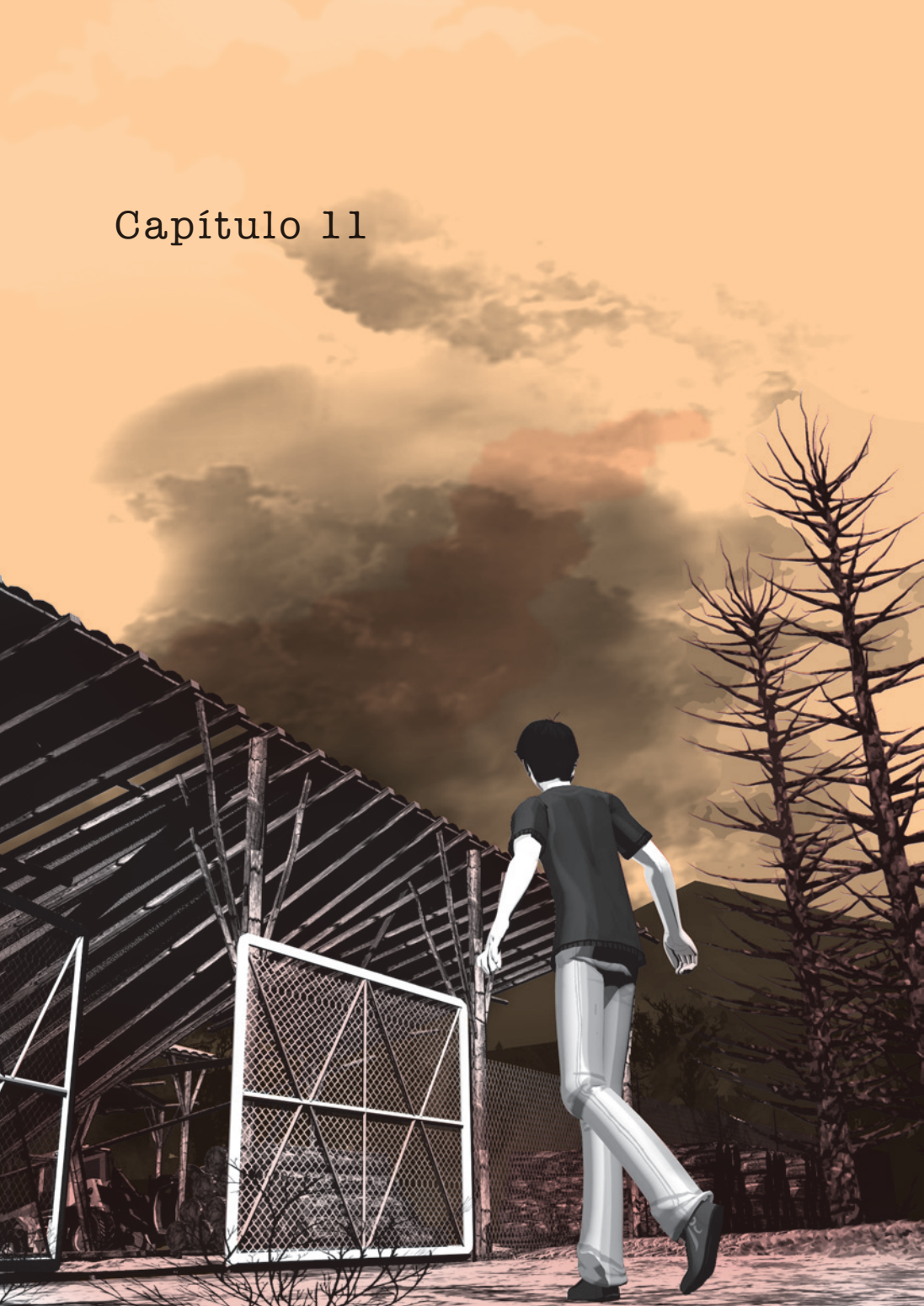
Por uns segundos ficaram em silêncio. Antes de ir embora, Fernando Soutinho perguntou se na vila haveria um café onde pudesse tomar uma refeição rápida.

— Há, sim — disse logo Vanda. — E até combinei com uns amigos encontrar-me lá com eles. Se me der boleia, agradeço.

— Então agradece, que eu dou.

E de novo o sorriso atraente lhe iluminou a face.

Capítulo 11



Encontros

Gonçalo tinha saído da casa da Vanda com um nó no estômago e um novelo de dúvidas a massacrar-lhe o cérebro. Nunca, nem em sonhos, pusera a hipótese de o pai ser capaz de atos desonestos. Feitio difícil, tinha. Insensível, era. Marido desatento, também. Pai indialogável, idem. Mas toda a vida o considerara um exemplo de retidão. Afinal, quando tocava a dinheiro, esquecia os princípios que proclamava aos quatro ventos. Enfurecera-se contra Anastácio porque mentira e mentia também. Em que outras aldrabices estaria assente o êxito dos seus negócios?

Aqueles pensamentos feriam-no como se fossem lanças, lanças espetadas no peito.



Instintivamente tomou o caminho da serração e foi andando de forma automática, de cabeça baixa, procurando ignorar os despojos da calamidade que se abatera sobre a terra. Só bem perto ergueu a cabeça e fixou o esqueleto daquilo que tinha sido durante anos o orgulho do pai e da família. Não planeara conscientemente, mas o que na verdade queria era antecipar o exame que o perito da companhia de seguros iria fazer. Por isso dirigiu-se à zona onde estavam as máquinas e ficou a olhar os ferros negros, retorcidos,



carbonizados. Seria possível perceber se a maquinaria queimada era nova ou velha?

— Eu não percebo — concluiu — mas um especialista se calhar percebe.

Invadido por uma infinita tristeza, lançou um último olhar aos escombros e tomou o caminho de volta, arrastando os pés. No fundo tinha pena do pai. Bem lá no fundo, embora não concordasse com o que ele tinha feito, desejava que não fosse desmascarado, acusado, envergonhado.

— Estou dividido. Odeio estar dividido!

Não ia longe, quando uma voz conhecida chamou:

— Hei! Gonçalo!

Era a Marina. Pedalava montada numa bicicleta vermelha, de mochila às costas.

— Então? Onde vais? — perguntou.

— A parte nenhuma.

Como sabia que a serração ficava para aquelas bandas, adivinhou que ele vinha de lá e dispensou-se de remexer na ferida.

— Sem aulas e com este calorão, resolvi ir tomar banho lá abaixo ao ribeiro. Vem comigo.

— Não tenho fato de banho.

— Não faz mal. Tiras os sapatos e molhas os pés. Anda daí, vá!

Há pessoas que têm o condão de enervar toda a gente só pelo facto de aparecerem. Ainda não abriram a boca e já o ambiente mudou, para pior. Outras, pelo contrário, irradiam paz, tranquilidade. Marina fazia parte desse grupo.

— Anda comigo — repetiu. Desmontara para caminharem lado a lado, ele juntou-se-lhe e seguiram em direção ao ribeiro, ela a falar de tudo menos do incêndio.

- Deve haver pouca água no ribeiro, mas sempre haverá alguma para nos refrescarmos.

Segurava a bicicleta pelo guidador, os olhos castanhos, pequenos e aveludados, sorriam. A pouco e pouco Gonçalo descontraíu e apeteceu-lhe desabafar. No entanto só o fez quando já estavam sentados na erva com os pés dentro de água. Antes, porém, teve o cuidado de se precaver.

- És do tipo que sabe guardar um segredo, Marina?
- Sou um túmulo. Túmulo de faraó!

Gonçalo borrifou-lhe a cara com alguns respingos, ela fingiu-se zangada:

- Que é isso? Achas que preciso de tomar duche?
- Acho. Duplo, se possível.

Voltou a borrifá-la, aproveitou e afagou-lhe a ponta do nariz, enquanto tomava balanço para desabafar, o que não era fácil. Marina aguardou em silêncio, sem dar sinais de impaciência e secretamente desvanecida por ter ali consigo um rapaz mais velho, lindo de morrer, muito cobiçado na escola, e a preparar-se para lhe dar uma prova de confiança.

O ribeiro, indiferente ao clima romântico, prosseguia o seu curso, rumorejando por entre pedras lisas e brancas do leito e das margens onde de vez em quando apareciam rãs.

O ambiente pacífico ajudou Gonçalo a ganhar coragem para confessar as suas mágoas e então falou, falou durante bastante tempo, quando se calou deram as mãos.

Marina não fez comentários nem durante nem depois do relato e esperou que fosse ele a retomar o diálogo, o que acabou por acontecer.

- Como vês, não me faltam razões para estar em baixo.
- Pois não.
- E no meio disto tudo, sabes o que me confrange? Estar dividido, porque se eu pudesse impedia que o meu pai fosse desmascarado.
- É natural, eu compreendo e até acho que no teu lugar sentia exatamente o mesmo.
- Estou num beco sem saída, não é?
- Não. Como o mal ainda não está feito, talvez se possa evitar.
- Como?
- Convencendo o teu pai a alterar a declaração que fez para o seguro o mais depressa possível.
- Isso pode-se fazer assim sem mais nem menos?
- Não sei, mas conheço quem sabe de certeza.
- E é?

- O advogado José Moura, ou seja, o meu pai. Hoje está em casa, queres vir falar com ele?
- E conto-lhe um problema que não é meu?
- À vontade, porque o que lhe contares passa a segredo profissional.

*

Nessa noite Fausto Gama encontrou em cima da secretária uma inesperada mensagem assinada pelo filho. Mensagem longa, muito bem escrita, em que se referia à consulta a um advogado e o aconselhamento que recebera acerca do assunto «declaração fraudulenta». Fausto leu e releu, inicialmente irritado com a ousadia do filho, mas depois, apercebendo-se de que, na verdade, só o quisera ajudar. E que os argumentos ali expostos tinham toda a lógica do mundo. Porque mesmo que a completa destruição da maquinaria pudesse gerar dúvidas sobre a antiguidade do equipamento, os empregados acabariam por se descair e dizer que as máquinas novas ainda não tinham chegado. E o fornecedor seria outra fonte de informação para o desmascarar.

Tinha pois feito asneira da grossa. E porquê? Talvez devido à imensidão da tragédia, ao cansaço da viagem feita naquelas circunstâncias, à enormidade do prejuízo,

ao desespero, à impotência perante o desastre consumado. Mas tinha de facto feito uma asneira da grossa, e o filho, cuja inteligência tanto o perturbava, oferecia-lhe agora uma saída: reformular com urgência a declaração, alegando que julgara ter recebido as máquinas na data prevista, data essa em que se encontrava ausente, em Espanha. Apressara-se a fazer a declaração, só depois soubera do atraso, as máquinas novas afinal não tinham sido entregues antes do incêndio, por isso não deviam ser incluídas no cálculo dos prejuízos.

Convinha-lhe aceitar a sugestão, tratou do assunto imediatamente e com grande alívio. Depois ficou sentado à secretária a compor o que havia de dizer ao filho, porque tinha de lhe dizer alguma coisa.

Para se livrar de embaraços, tentou auto convencer-se de que o filho, àquela hora, já estava a dormir e que portanto seria melhor falarem no dia seguinte. Não conseguiu porque uma das facetas da sua maneira de ser era a frontalidade, por vezes associada à brutalidade, outras à incómoda e pouco diplomática sinceridade.

Gonçalo lia sempre até tarde e ele sabia isso muito bem. Ergueu-se num repente e foi direito ao quarto do filho, onde, conforme esperava, ainda se via luz por baixo da porta. Bateu ao de leve e entrou.

— Pai?

No primeiro momento ficaram mudos, a olhar um para o outro. Bastou um minuto para que o silêncio se tornasse incomodativo. Fausto não quis esperar mais e declarou de chofre, com voz monocórdica:

— Fiquei a pensar no que me escreveste, por uma vez dou-te razão.

Gonçalo mordeu a boca para conter o riso e manteve a expressão neutra.

— Aceitei o conselho do advogado que arranjaste e já fiz o que sugeriu.

— Ainda bem, pai. É melhor assim.

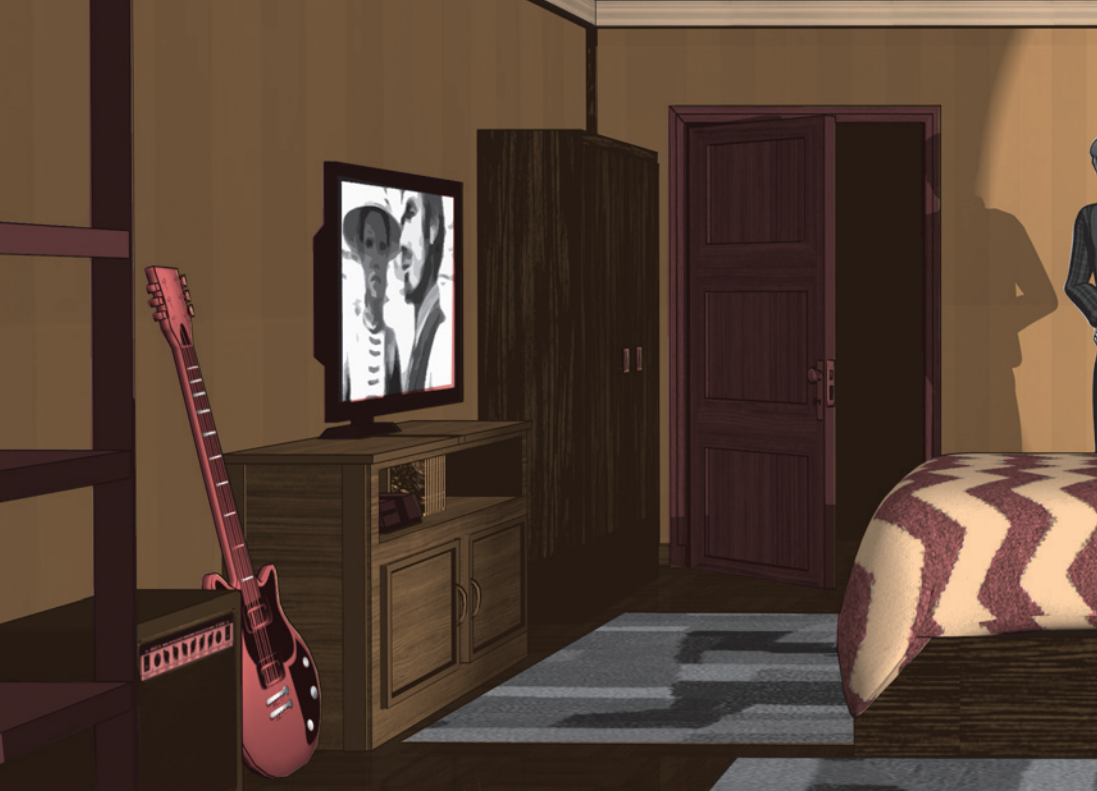
Sem mais conversa, Fausto retirou-se. Antes de fechar a porta, ouviu o que não esperava.

— Pai! Muito obrigado por me ter vindo dizer.

Após um segundo de hesitação, voltou a entrar, ou melhor, enfiou a cabeça pela frincha e retribuiu:

— Também te agradeço.

Quando a porta finalmente fechou, Gonçalo pousou o livro no colo e esticou os braços à maneira dos desportistas ao cortar a meta e riu sozinho, contente da vida, porque aquela cena prometia mudanças na relação pai filho. Faltava saber se tinha subido um degrau na consideração



do pai, ou se galgara um patamar. De qualquer forma, fosse degrau ou patamar, acabavam de iniciar um novo ciclo.

Naquela noite não leu mais. Apagou a luz e ficou acordado de olhos postos no teto, entretido a analisar as voltas que os seus afetos tinham levado nas últimas horas.

Marina, inesperadamente, ocupara o lugar que antes acomodava várias colegas de forma parcial e intermitente. Ao contrário do que julgara no período anterior, a exclusividade estava a agradar-lhe bastante. Quanto ao pai, pela primeira vez desde que se lembrava, sentira-se apreciado e até respeitado por ele. Não que lhe tivesse dito abertamente,



mas nas frases ainda bruscas, nos gestos e nas expressões, adivinhava-se uma nova atitude.

— E tudo à conta de um acontecimento pavoroso. Se há males que vêm por bem, há bens que vêm por mal.

Antes de se enroscar para dormir, veio-lhe à ideia a figura do homem que aparecera em casa da Vanda e que ele receara ser quem ia desmascarar o pai. De pálpebras descaídas bocejou:

— Que alívio. Não preciso de me preocupar com o olhar de falcão de nenhum Fernando Soutinho.

Capítulo 11



Epílogo

Quem não esquecia o olhar de Fernando Soutinho era Lira, que ficara siderada quando o vira entrar no café com a sua aluna Vanda. Ela, bastante oferecida, ele, embora simpático, mantendo a distância digna de homem mais velho, que não quer confusões. Naturalmente «tirou-lhe as medidas»: alto, magro, de aspeto ginasticado, cabelo preto, barbicha bem aparada e um olhar de falcão nos olhos miúdos, muito azuis, fê-la sentir-se atravessada por raios cósmicos. Não resistiu e acenou à Vanda, procurando manter-se tão natural quanto possível.

— Estou sozinha, façam-me companhia que a mesa dá para quatro.

Percebeu perfeitamente que o convite não agradava à aluna, mas como eles avançaram ao seu encontro, concluiu que a ele o convite caíra bem. Então apresentou-se:

- Sou a Lira, atriz e professora de teatro.
- E eu sou Fernando Soutinho, perito da companhia de seguros.

Lira sobressaltou-se. Profundamente marcada pelo desejo de segurança, acabava de descobrir novas conotações para a palavra seguro. Nunca se dera ao trabalho de pensar no assunto, mas na verdade a missão das companhias de seguros é providenciar segurança. E se o faziam, apoiadas em criaturas com aquele aspeto, que maravilha. Discretamente, observou-lhe as mãos, lindas e esguias, ainda por cima sem aliança de casamento. Seria solteiro? Divorciado? Viúvo? Dificilmente um homem assim estaria livre, mas há horas de sorte, há horas em que o destino bate à porta. Num gesto automático consultou o relógio: «Dezasseis horas em ponto, quatro horas da tarde. Viria a ser um momento para mais tarde recordar?»

- Está com pressa? Tem algum compromisso?
- Não, não...

Vanda observava pouco satisfeita com a empatia que se gerara instantaneamente entre aqueles dois, pois Fernando também se mostrava atraído pela brasileira.

Furiosa e sentindo-se a mais, emborcou o sumo e foi-se embora a remoer despeito e a queixar-se do azar que a perseguia.

— Que diabo, não acerto uma!

Lira e Fernando acenaram-lhe vagamente, mas no íntimo satisfeitos porque estavam ambos tentados a conhecer-se melhor.

— Você de onde veio? Qual é a sua terra no Brasil?

Lira esteve quase a repetir uma das muitas fantasias que usava para se valorizar, mas apeteceu-lhe ser sincera.

— Piranga. Uma aldeia pequena do estado de Minas Gerais.

— Ah! Adoro Minas Gerais e creio que já passei em Piranga.

— Não pode! — exclamou divertida. — Você conhece a minha terra?

— Acho que sim.

Para princípio de conversa, nada mal. E os dois expandiram-se a falar de si próprios e a puxar histórias divertidas, ela radiante com a companhia de um homem atraente e simpático, ele radiante com a merecida pausa entre encontros difíceis e tristes com pessoas que tinham sido vítimas de incêndio.

*

Nas semanas seguintes a vila e arredores, que à conta do terrível incêndio se tinham transformado no centro de atenções do país inteiro, viram chegar vários outros peritos, muitos jornalistas, fotógrafos e operadores de câmara de todas as televisões. Em geral, ficavam pelo menos de um dia para o outro para alegria dos donos de pequenos hotéis e restaurantes que não tinham sofrido danos, mas tinham histórias comoventes para contar sobre vizinhos e amigos e não se faziam rogados porque sentiam necessidade de desopilar, não desgostavam de aparecer na televisão, e aproveitavam a onda de visitantes para que os seus negócios prosperassem.

Não tardou que se ouvissem na vila os ruídos inequívocos de máquinas pesadas a remoer entulhos, a reabrir fundações, a preparar cimento para a reconstrução dos edifícios danificados. Também apareceram na vila especialistas em questões de ambiente e ordenamento florestal, que no primeiro impacto se mostravam abalados com as dimensões do incêndio, mas logo se empenharam no planeamento da reflorestação, que queriam menos atreita a desastres daquela natureza.

Fausto Gama recebera em casa o perito da companhia de seguros com que trabalhava. Era um homem novo, como

Soutinho, mas mais encorpado e comunicativo, e dava pelo nome Augusto Maia.

Para grande alegria da mãe, Gonçalo acompanhou o pai em todas as etapas da peritagem. E se não se tinham tornado íntimos, era inegável de que se tinham aproximado, de que se entendiam melhor.

No primeiro encontro, Fausto, sem revelar ansiedade, referira a segunda declaração de sinistro. O perito estava a par, não houve problema. Embora demorada como tinha de ser, a vistoria correu bem e, no fim, Augusto surpreendeu os Gama com uma pergunta inesperada:

- Quando pensam que será possível retomar a atividade na serração?
- Não sei bem, — disse Fausto Gama —, para mim quanto mais depressa melhor. Mas para receber as máquinas novas preciso de instalações adequadas, enfim, há muita coisa a tratar.
- Ainda não fez planos?
- Fez — disse o Gonçalo —, o meu pai está a estudar a hipótese de montar uma instalação provisória para funcionar enquanto se reconstrói o edifício que ardeu.
- Estarmos parados é o diabo, sabe? Tenho de pagar ao pessoal, que fica em casa sem trabalhar. Não posso satisfazer

encomendas de clientes, muitos desistem e vão procurar o que precisam noutro lado. Tenho contas a acertar com os fornecedores e sem receber pagamentos, é complicado. A espera vai-me custar os olhos da cara.

- Certamente. No entanto, pode contar com algum apoio da seguradora, porque você incluiu na sua apólice multirriscos uma cobertura extra.
- Qual? — perguntou Gonçalo.
- O teu pai pagou um pouco mais, para ter a cobertura de perdas de exploração e receber uma indemnização se, devido a um sinistro, ficasse impedido temporariamente de utilizar a serração. E é o caso.
- Que bela decisão, pai!
- Se queres que te diga, já nem me lembrava de ter feito isso. Mas realmente dá jeito.

Regressaram à vila juntos, em amena cavaqueira. O ambiente geral, com a presença de tantas pessoas de fora, continuava efervescente, mas se ainda todos discutiam e recordavam as horas aflitivas do incêndio devastador, os assuntos do quotidiano iam emergindo nos diálogos e nas preocupações pessoais, familiares, comunitárias, de modo que a vida foi retomando o seu curso, para uns pachorrento, para outros mais animado.



Nas escolas, que não tinham sido atingidas, já se debatiam com entusiasmo projetos variados para o futuro imediato, como a festa de Natal, que obrigava Lira a dedicar muitas horas aos ensaios de alunos e professores de vários ciclos que se apresentariam no palco. À noitinha, porém, recolhia a casa, e falava ao telefone tempos esquecidos com Fernando Soutinho e ele, sempre que possível, ia buscá-la para passarem o fim de semana juntos, sem fazerem planos concretos de vida em comum.

Gonçalo passeava-se na escola de mão dada com Marina, o que nos primeiros dias lhe valeu piadas e graçolas dos colegas, mas depressa se tornaram mais um par entre tantos outros que ao longo do ano letivo se uniam e desuniam a ritmo variável.

Vanda desesperava e queixava-se amargamente à sua amiga Rebeca.

— Sou uma estúpida e uma azarada. Pus o Gonçalo a andar e quando dei por mim já uma sonsa lhe tinha deitado a unha. E sempre que acho piada a um tipo, aparece logo alguém a meter-se pelo meio.

Rebeca não se deixou impressionar e rebateu-a:

— Não há nada melhor do que estarmos livres, Vanda! Deixa-te de lamúrias!

- Um dia apareceu com bilhetes para outro concerto.
- Olha o que arranjei para mim e para ti. Vamos divertir-nos ao máximo.
 - Onde?
 - Desta vez em Lisboa. Tenho lá uma tia que nos recebe para o fim de semana.
 - Já lhe pediste?
 - Já. Alinhas?
 - Alinho. Como é que vamos? De comboio ou levamos carro?

A campainha a chamar para a aula de Filosofia interrompeu a conversa.

- Ainda não sei. Combinamos depois, mas prepara-te, que vai ser sensacional.

AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E OS INCÊNDIOS

Os cientistas têm alertado os governos e as populações para as alterações climáticas e para o aquecimento global, que afetam todas as regiões do mundo e estão a pôr em perigo o planeta Terra e todos os seres vivos, incluindo os seres humanos.

Atualmente a temperatura média do planeta Terra é 0,85 graus centígrados superior à do século XIX. Os cientistas consideram indispensável evitar que a temperatura suba cada vez mais, pois os efeitos podem tornar-se irreversíveis. Alguns efeitos fazem-se já sentir de forma inquietante:

- Degelo das calotes polares e dos glaciares, o que provoca a subida do nível do mar, a erosão das zonas costeiras e a inundação das faixas do litoral de todos os continentes e de todas as ilhas, algumas das quais poderão ficar submersas. Entre 1997 e 2019 os glaciares europeus descongelaram entre 7 e 23 metros de espessura. Se nada se fizer, os cientistas preveem que o degelo e a subida do nível do mar possam fazer desaparecer cidades costeiras, como Nova Iorque ou Lisboa.
- Chuvas torrenciais e diminuição da qualidade da água, com consequências na saúde das populações afetadas.
- Modificação da flora e maior circulação de pólenes, responsáveis por doenças e agravamento de alergias.

- Extinção de muitas espécies animais, sensíveis às vagas de calor e às mudanças de temperatura e de humidade.
- Frequência e propagação de incêndios que se tornam muito extensos e difíceis de controlar.

O SEGURO CONTRA O RISCO DE INCÊNDIO

Ninguém está livre de que um incêndio deflagre e venha a destruir a sua casa e os seus bens. Por isso existem leis que obrigam os proprietários de imóveis, em propriedade horizontal, a fazer um seguro com a cobertura de incêndio, mesmo que o edifício não esteja a ser utilizado.

As seguradoras disponibilizam várias modalidades de contratos que os clientes podem escolher, desde o simples seguro obrigatório de incêndio, a seguros mais completos que, além do incêndio, incluem outras coberturas e se denominam de *Multirriscos*.

No seguro obrigatório de incêndio além dos riscos de incêndio, estão garantidos os danos diretamente causados aos bens seguros em consequência dos meios empregues para o combater: calor, fumo ou vapor resultantes diretamente do incêndio; ação mecânica de queda de raio; explosão; remoções ou destruições executadas por ordem da autoridade competente ou praticadas com o fim de salvamento.

É frequente os proprietários de imóveis optarem por seguros mais abrangentes que os protejam de outros riscos, sejam eles riscos da natureza, tais como as inundações, as tempestades ou os sismos, ou riscos muito diversos, como furto ou roubo, riscos elétricos, responsabilidade civil familiar e acidentes pessoais sofridos pelos membros do agregado familiar.

Estão, pois, previstas várias coberturas extra pelas quais o cliente pode optar se assim o entender e estiver disposto a pagar o custo correspondente.

Nos contratos de seguro para imóveis nunca estão incluídos danos ou perdas que decorram de situações de guerra, revoluções, terrorismo, rebentamentos nucleares, confiscação ou requisição de bens feito por autoridades competentes, nem danos que decorram da ação do mar.

O CAPITAL A SEGURAR

Para calcular o valor pelo qual se segura um imóvel, há que considerar quanto custaria a reconstrução desse imóvel no momento em que o contrato é celebrado. Este valor normalmente é diferente quer do valor comercial do imóvel, quer do valor do empréstimo hipotecário que eventualmente se tenha contraído.

No caso do recheio dos imóveis, considera-se o custo da sua substituição por bens equivalentes, mas novos. Se do recheio

fizerem parte objetos preciosos como joias, obras de arte, etc., esses objetos devem ser descritos e valorizados separadamente. Se o conteúdo do imóvel incluir máquinas e outros equipamentos industriais, matérias-primas, produtos fabricados ou qualquer tipo de mercadorias, o capital seguro pode corresponder ao valor de substituição em novo, desde que isso tenha sido acordado entre o cliente e a seguradora. Se não tiver sido feito esse tipo de acordo, a indenização será menor porque se desconta o desgaste ou desvalorização das peças.

Quando o conteúdo do imóvel inclui bens que não pertencem ao proprietário, eles só serão indenizados se tiverem sido devidamente identificados e valorizados no contrato.

Para que o capital seguro se mantenha atualizado é necessário efetuar revisões periódicas, sendo aconselhável que o valor seja revisto à medida que se alteram os custos de reconstrução ou, no caso do seguro de recheio, se adquiram mais bens ou equipamentos. Para facilitar, as seguradoras oferecem uma modalidade que inclui a atualização automática do capital dos imóveis.

PROCEDIMENTOS EM CASO DE SINISTRO

Quando alguém é vítima de incêndio ou de outro tipo de sinistro, a comunicação à seguradora tem de ser feita de acordo com as seguintes regras:

- A participação deve ser feita o mais rapidamente possível, sendo o prazo máximo de comunicação de oito dias.
- A participação deve incluir a identificação do segurado, o número da apólice, o dia e a hora da ocorrência, a sua causa (conhecida ou presumida), a sua descrição e o montante provável dos prejuízos. A seguradora enviará depois um especialista ou perito na análise do tipo de sinistro para que confirme os elementos declarados e avalie os bens que se perderam. O cliente não deve portanto alterar ou remover os vestígios da ocorrência, nem deixar que outras pessoas o façam, antes da intervenção do perito, salvo para efeitos de salvamento.

As indemnizações que a seguradora paga dependem do valor do capital que consta no contrato e correspondem ao custo da substituição ou reparação do bem danificado ou perdido. Ao valor apurado para indemnização será deduzida a importância correspondente à franquia, nos casos em que esta seja aplicável.

